

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

**MULTILETRAMENTOS E CRITICIDADE NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA
DE ANÁLISE MULTIMODAL DO GÊNERO CAPA DE REVISTA**

TIAGO ALMEIDA DO NASCIMENTO

NAZARÉ DA MATA
2024

TIAGO ALMEIDA DO NASCIMENTO

**MULTILETRAMENTOS E CRITICIDADE NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA
DE ANÁLISE MULTIMODAL DO GÊNERO CAPA DE REVISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* - Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade de Pernambuco (UPE), *campus* Mata Norte, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Estudos da Linguagem e Práticas Sociais
Orientador: Prof. Dr. Ivandilson Costa

NAZARÉ DA MATA
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte
Biblioteca Mons. Petronilo Pedrosa, Nazaré da Mata – PE, Brasil

N244m Nascimento, Tiago Almeida do
Multiletramentos e criticidade na sala de aula: uma proposta de análise multimodal do gênero capa de revista. / Tiago Almeida do Nascimento – Nazaré da Mata, 2024.
102 p. : il.

Orientador: Prof. Dr. Ivandilson Costa

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte, Mestrado Profissional em Letras, Nazaré da Mata, 2024.

1. Multiletramentos. 2. Multimodalidade. 3. Capa de revista. I. Costa, Ivandilson (orient.). II. Título.

CDD 370.711

Bibliotecária Responsável: Luciene Aquino – CRB-4/2207

Tiago Almeida do Nascimento

MULTILETRAMENTOS E CRITICIDADE NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE MULTIMODAL DO GÊNERO CAPA DE REVISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras- PROFLETRAS da Universidade de Pernambuco, *Campus* Mata Norte, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, em 30/09/2024.

DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **IVANDILSON COSTA**
Data: 01/10/2024 11:09:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Ivandilson Costa (UPE/Campus Mata Norte)
Orientador

Documento assinado digitalmente
 **ANDRÉ MAGRI RIBEIRO DE MELO**
Data: 02/10/2024 08:28:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. André Magri Ribeiro de Melo (UFF)
Examinador Externo ao PROFLETRAS

Documento assinado digitalmente
 **JACIARA JOSEFA GOMES**
Data: 03/10/2024 13:29:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Jaciara Josefa Gomes (UPE/Campus Mata Norte)
Examinadora Interna ao PROFLETRAS

Nazaré da Mata- PE

2024

Sonhos não envelhecem
(Márcio Borges)

Para Áurea Almeida e Aguinaldo Nascimento, meus pais, por nunca terem me deixado desistir.

Para Nicolas Costa, meu companheiro de vida, por manter-me sempre acreditando que sou capaz de ir além.

Para Antonieta, Severino, Benedita e Florisvaldo, meus avós, por me fazerem acreditar que a eternidade existe.

AGRADECIMENTOS

Deem graças ao Senhor, porque ele é bom; o seu amor dura para sempre. (Salmos 118, 29)

A gratidão, neste momento, é imensa e intensa, e muitas são as pessoas que, de uma maneira ou de outra, direta ou indiretamente, contribuíram para que a realização do mestrado fosse possível. E eu nem acreditava que isso seria possível...

Primeiramente, agradeço à minha família, que é o início de tudo, a base e o topo.

Aos meus amigos, que, generosos que são, dividem comigo as doçuras e amarguras da vida.

À Maria de Fátima Tavares Ramos, minha chefe imediata, que possibilitou que eu assistisse às aulas do mestrado.

Ao Instituto Helena Lubienska, por tanto, por ontem, hoje e sempre ser parte do quintal dos meus sonhos.

*“Mas é preciso ter manha,
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania de ter fé na vida” (Milton Nascimento)*

RESUMO

Esta pesquisa volta-se ao estudo do gênero textual capa de revista e suas implicações ao ensino da Língua Portuguesa, mais especificamente no que diz respeito aos processos inferenciais dos elementos multimodais desse gênero. Nesse esteio, pretende-se, aqui, responder ao seguinte problema de pesquisa: de que maneira as habilidades voltadas à leitura crítica podem ser desenvolvidas a partir da análise multimodal de capas de revista de circulação nacional? Portanto, o objetivo geral desta averiguação é analisar como o estudo dos mecanismos linguísticos e visuais das várias semioses que compõem as capas de revista pode colaborar para a formação de leitores críticos. Já como objetivos específicos, tem-se: compreender as contribuições dos estudos voltados aos letramentos e multiletramentos para o ensino da leitura na educação básica; subsidiar o estudo de textos multimodais a partir do entendimento das suas categorias analíticas, tendo como *corpus* o gênero capa de revista; discutir conceitos-chave da Análise Crítica do Discurso, como prática social, prática discursiva e texto, que auxiliam o desvelamento de informações implícitas constantes nas capas de revista; fornecer embasamento para a apreensão do gênero capa de revista enquanto objeto articulado aos fenômenos sociais. Esta investigação classifica-se como qualitativa, cujo procedimento é caracterizado como uma pesquisa-ação, em convergência às normativas do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Para fundamentar esta dissertação, há a articulação de estudos voltados à Análise Crítica do Discurso, aos Estudos Retóricos de Gênero e aos multiletramentos, incluindo-se a multimodalidade e as contribuições da Gramática do Design Visual para a orientação dos procedimentos analíticos de semioses visuais. Na triagem do *corpus*, foram selecionadas capas de revista de circulação nacional, a partir das temáticas sinalizadas pelos/as estudantes participantes das ações executadas. Ao final de toda discussão teórica, são apresentados os dados coletados ao longo de uma sequência didática esquematizada em cinco etapas, os quais são analisados à luz das teorias que alicerçam esta pesquisa.

Palavras-chave: Multiletramentos. Multimodalidade. Capa de revista.

ABSTRACT

This research focuses on the study of the magazine cover as a textual genre and its implications for Portuguese language teaching, specifically regarding the inferential processes of the multimodal elements within this genre. In this context, it aims to address the following research question: in what ways can skills related to critical reading be developed through the multimodal analysis of nationally distributed magazine covers? Therefore, the general objective of this study is to analyze how the examination of linguistic and visual mechanisms across the various semiotic resources that compose magazine covers can contribute to the formation of critical readers. More specifically, the objectives are to: understand the contributions of literacy and multiliteracy studies for reading instruction in primary education; support the study of multimodal texts by understanding their analytical categories, with magazine covers as the corpus; discuss key concepts from Critical Discourse Analysis, such as social practice, discursive practice, and text, which help to reveal implicit information in magazine covers; and provide a foundation for understanding the magazine cover genre as an object linked to social phenomena. This investigation is qualitative in nature, and its methodology is characterized as action research, in line with the guidelines of the Professional Master's Program in Portuguese Language (PROFLETRAS). The theoretical foundation of this dissertation draws on studies in Critical Discourse Analysis, Rhetorical Genre Studies, and multiliteracies, including multimodality and contributions from the Grammar of Visual Design, to guide the analytical procedures of visual semiosis. In selecting the corpus, nationally distributed magazine covers were chosen based on topics indicated by the students participating in the conducted actions. Following the theoretical discussion, the collected data is presented as part of a didactic sequence organized into five stages, analyzed in light of the theories underpinning this research.

Keywords: Multiliteracies. Multimodality. Magazine cover.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	34
Figura 2	35
Figura 3	36
Figura 4	37
Figura 5	38
Figura 6	39
Figura 7	40
Figura 8	41
Figura 9	42
Figura 10	43
Figura 11	48
Figura 12	55
Figura 13	62
Figura 14	62
Figura 15	62
Figura 16	64
Figura 17	67
Figura 18	73
Figura 19	74
Figura 20	78
Figura 21	79
Figura 22	80
Figura 23	81
Figura 24	83
Figura 25	83
Figura 26	84
Figura 27	84
Figura 28	86
Figura 29	87
Figura 30	88
Figura 31	90
Figura 32	90

Figura 33	91
Figura 34	92
Figura 35	93
Figura 36	94
Figura 37	95
Figura 38	96
Figura 39	97
Figura 40	98
Figura 41	99
Figura 42	97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I: PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	18
1.1: Problema de pesquisa	18
1.2: Objetivos	18
1.3: Justificativa	19
1.4: Metodologia	20
CAPÍTULO II: PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS: UM CAMPO DE MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES	23
2.1: Alfabetização e letramento: breves reflexões	23
2.2 Dos letramentos aos multiletramentos	26
CAPÍTULO III: PARA ALÉM DAS PALAVRAS: TEXTO, MULTIMODALIDADE E PRODUÇÃO DE SENTIDOS	29
3.1: Para além do texto verbal: a multimodalidade e a produção de sentidos	30
3.2: Gramática do Design Visual: princípios norteadores e elementos básicos de sua concepção	32
3.3: Dimensão representacional em composições imagéticas	32
3.4: Representações narrativas em textos visuais	33
3.5: Processos acional, reacional, verbal e mental nas representações narrativas	33
3.6: Dimensão interativa em composições imagéticas	39
CAPÍTULO IV: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA ESTA PESQUISA	44
4.1: Análise Crítica do Discurso: noções preliminares	44
4.2: Linguagem em movimento: o discurso	46
4.3: Concepção tridimensional do discurso: prática social	47
4.3.1: Ideologia	48
4.3.2: Hegemonia	49

4.4: Concepção tridimensional: prática discursiva	50
4.5: Concepção tridimensional: texto	52
4.5.1 O estudo do léxico na Análise Crítica do Discurso	53
CAPÍTULO V: O GÊNERO CAPA DE REVISTA	59
5.1: O gênero capa de revista	60
5.2: A capa de revista a partir dos Estudos Retóricos de Gênero	63
CAPÍTULO VI: DA PESQUISA À AÇÃO: MOTIVAÇÕES E EXECUÇÃO	65
6.1: Plano de trabalho: das motivações para o planejamento	65
6.2: Sequência didática	68
6.3: Etapa 01 – Conhecendo o gênero capa de revista	69
6.4: Etapa 02 – A multimodalidade do gênero capa de revista	70
6.5: Etapa 03 – Reflexão sobre as escolhas lexicais nas capas de revista	72
6.6: Etapa 04 – Produzindo capas de revista	75
6.7: Etapa 05 – Socialização e consolidação dos saberes construídos	76
CAPÍTULO VII: DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DA APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA	77
7.1: Descrição da sequência didática	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	101

INTRODUÇÃO

No campo dos estudos da linguagem, uma das discussões suscitadas por pesquisadores/as e professores/as de Língua Portuguesa parte do entendimento de que o estudo do texto precisa ir além dos elementos verbais que o compõem, sendo necessário que se levem em consideração, também, os seus aspectos visuais. Isso se dá porque, nas sociedades contemporâneas, as produções textuais estão sendo cada vez mais multissemióticas ou multimodais, entrecruzando palavras com outras semioses, como fotos, cores, gráficos, formas, *layout*.

Dessa realidade, surge a necessidade de o ensino de língua materna considerar o uso de metodologias que incluam essa diversidade de modos de produção, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de habilidades multiletradas de estudantes da educação básica. Nesse âmbito, é importante que se busque, no seio social, uma formação crítica dos cidadãos, com vistas à promoção da reflexão diante da grande variedade de textos diariamente produzidos.

Essa diversidade textual materializa-se, também, em gêneros como a capa de revista, que articula em sua composição aparatos visuais tão importantes para o entendimento dos processos inferenciais quanto os recursos verbais. Por isso, esse foi o gênero selecionado para esta pesquisa. Essa escolha se deu porque ele proporciona análises profundas das informações implícitas e explícitas fornecidas pela editora que o produz, podendo suscitar relevantes discussões nas aulas de Língua Portuguesa.

Compreende-se que as capas de revista podem propiciar o desenvolvimento de habilidades de letramento crítico¹, fortalecendo a relação dos conhecimentos adquiridos a partir da reflexão sobre a linguagem em suas múltiplas possibilidades de uso e as práticas sociais que motivam a produção discursiva, sempre motivada por ideologias.

Nesse esteio, em convergência ao que propõe o Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), a pesquisa-ação aqui planejada tem caráter qualitativo e fez um aprofundamento na bibliografia selecionada com vistas ao fortalecimento da

¹ Adotamos o entendimento de Street (2014, p. 44), que defende um modelo ideológico de letramento, reforçando que “Aqueles que aderem a este [...] modelo se concentram em práticas sociais específicas de leitura e escrita. Reconhecem a natureza ideológica e, portanto, culturalmente incrustada dessas práticas”.

fundamentação teórica que alicerçou as análises que foram realizadas a partir das intervenções pedagógicas em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Jaime Gonçalves Bold, localizada na cidade do Paulista, região metropolitana do Recife, Pernambuco. Essas intervenções deram-se por meio de uma sequência didática esquematizada em cinco etapas, envolvendo os eixos *leitura multimodal, reflexão crítico-discursiva e discurso midiático*.

Em uma investigação, efetuada no mês de setembro, no portal da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que reúne uma base de dados de pesquisas acadêmicas produzidas em instituições brasileiras, realizada por meio da palavra-chave “Capa de revista”, com um recorte temporal de 2019 a 2024, foi detectada a publicação de 2.268 trabalhos acadêmicos, sendo 1727 dissertações e 541 teses.

Em meio a essa totalidade, 2258 foram escritos em Língua Portuguesa, 9 em Língua Inglesa e 1 em Língua Espanhola, distribuídos em variadas áreas de conhecimento, como Programa de Pós-graduação em Letras (57), Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola (181), Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (136), Programa de Pós-graduação em História (127), entre outras. A partir desse resultado, percebe-se que o gênero textual capa de revista tem despertado o interesse de muitos/as pesquisadores/as, sendo objeto de estudo nos mais diversos programas de pós-graduação *stricto sensu* deste país.

Nesse mesmo ambiente virtual da BDTD, foram acrescentadas outras palavras-chave como filtro de pesquisa. Assim, foram conquistados os seguintes resultados: com a combinação “Capa de revista + Multiletramentos”, há 27 trabalhos acadêmicos; já em “Capa de revista + Multimodalidade”, são 20 produções; por fim, com a articulação de “Capa de revista + Análise Crítica do Discurso”, o número aumenta consideravelmente para 336 pesquisas. Dentre todos esses resultados, dando ênfase às palavras-chave “Capa de revista + Multiletramentos”, há 20 trabalhos voltados à educação básica, sendo 17 deles direcionados ao Ensino Fundamental.

Dando continuidade a esse levantamento, em uma pesquisa no site oficial do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), na busca por trabalhos a partir da palavra-chave “Capa de revista”, mantendo o recorte temporal, não foi encontrado nenhum resultado. No entanto, quando a busca foi para “Multiletramentos”, constatou-

se a produção de 16 pesquisas ²nesse programa, todas voltadas ao Ensino Fundamental. Já 5 produções acadêmicas foram encontradas a partir da palavra-chave “Multimodalidade”, também voltadas para aquele público. Desse modo, percebe-se que as investigações em volta do gênero textual capa de revista e dos estudos que envolvem os multiletramentos (incluindo-se aqui a multimodalidade) têm um importante espaço na ciência brasileira, pois relevantes pesquisas foram operadas no sentido de encontrar respostas para os mais diferentes problemas.

O presente estudo parte da capa de revista para estudar as potencialidades desse gênero textual no processo de aprendizagem, ou melhor, de desenvolvimento de habilidades leitoras voltadas às multisssemioses integrantes desse que é um importante veículo-convite para a formação de opinião e a construção de discursos que se formam a partir das informações apresentadas. Com fundamentação teórica e prática pedagógica, o conteúdo apresentado ao longo deste trabalho articula conceitos elementares e discussão do plano de ação executado.

No primeiro capítulo, apresentamos o desenho do estudo. Nele, descrevemos nosso problema de pesquisa, justificamos a temática escolhida e expomos nossos objetivos. Já no segundo capítulo, ocupamo-nos de compartilhar algumas considerações sobre a pedagogia dos multiletramentos e suas implicações para a educação brasileira. Assim, é feita uma discussão acerca das concepções de alfabetização, letramento e suas contribuições para o ensino de língua materna.

O terceiro capítulo, por sua vez, aborda especificamente a multimodalidade, a partir da elucubração do que vem a ser texto, semioses e suas mobilizações. Nesse espaço, são feitos esclarecimentos sobre a produção de sentidos em textos multimodais e esquematizadas as camadas de análise de produções textuais visuais. No quarto capítulo, traçamos uma visão geral da proposta da Análise Crítica do Discurso e seu subsídio para esta dissertação. Ademais, explicamos as categorias propostas na Teoria Social do Discurso que respaldam nossas análises.

Nesse contexto, o quinto capítulo volta-se ao gênero de texto selecionado como *corpus* desta obra, a capa de revista. A partir dos Estudos Retóricos de Gênero, nessa etapa da pesquisa, apresentamos a concepção que norteia nosso trabalho e

² Dentre essas 16 pesquisas, destacamos aqui: a) Gênero notícia, sequência didática e multiletramentos: construção de um jornal mural (SOUSA, 2019); b) A perspectiva de multiletramentos na sequência didática: estratégias com o gênero meme (ROCHEFELLER, 2021); c) O vlog como recurso nas aulas de língua portuguesa sob a perspectiva dos multiletramentos (OLIVEIRA, 2022). Os outros trabalhos realizados podem ser consultados no site do PROFLETRAS, por meio deste endereço eletrônico: <https://profletras.ufrn.br/repositorio/dissertacoes>.

refletimos acerca da relação das capas de revista com as dinâmicas sociais, as transformações tecnológicas e os artifícios utilizados na produção das informações.

Dando continuidade, o capítulo seis apresenta o plano de ação executado em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública municipal, localizada na Região Metropolitana do Recife, Pernambuco. Esse plano se dá por meio de uma sequência didática estruturada em cinco etapas e tem como objetivo desenvolver nos/as estudantes habilidades voltadas às práticas de leitura crítica de textos multimodais, tendo como culminância a produção de capas de revista. Por fim, são tecidas discussões a partir dos dados coletados ao longo da execução desse plano de ação, bem como socializadas as dificuldades enfrentadas durante a vivência das cinco etapas da sequência didática.

CAPÍTULO I

PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Neste trabalho, buscamos compreender os benefícios da análise de capas de revista para o fortalecimento da criticidade de estudantes do Ensino Fundamental. Para isso, foram selecionados alguns exemplares desse gênero textual com base nos interesses temáticos sinalizados por alunos/as do 9º ano desse ciclo de ensino, matriculados em uma escola municipal da cidade do Paulista, Pernambuco. Com vistas à socialização dos procedimentos adotados e das motivações para esta pesquisa, apresentamos a seguir o seu percurso metodológico norteador.

1.1 Problema de pesquisa

Tendo em vista a dificuldade que os/as supracitados/as estudantes apresentam no tocante às habilidades de leitura de textos que articulam diferentes semioses, o que foi verificado por meio de avaliações diagnósticas internas realizadas durante as aulas de Língua Portuguesa, surge o seguinte questionamento: de que maneira as habilidades voltadas à leitura crítica de textos multimodais podem ser desenvolvidas a partir da análise de capas de revista de circulação nacional?

1.2 Objetivos

Em linhas gerais, buscou-se:

- Analisar como o estudo dos mecanismos linguísticos e visuais das várias semioses que compõem as capas de revista pode colaborar para a formação de leitores críticos.

Quanto aos objetivos específicos, esta investigação pretendeu-se:

- Compreender as contribuições dos estudos voltados aos letramentos e multiletramentos para o ensino da leitura na educação básica;

- Subsidiar o estudo de textos multimodais a partir da compreensão das suas categorias analíticas, com enfoque na dimensão representacional em composições imagéticas, tendo como *corpus* o gênero capa de revista;
- Discutir conceitos-chave da Análise Crítica do Discurso, como prática social, prática discursiva e texto, que auxiliam o desvelamento de informações implícitas constantes nas capas de revista;
- Fornecer subsídios para o entendimento do gênero capa de revista enquanto objeto articulado aos fenômenos sociais.

1.3 Justificativa

A capa de revista é um gênero textual muito presente na relação das pessoas com a mídia. Desde o seu surgimento, muitas expectativas são geradas a partir da sua apresentação, e vários são os objetivos que motivam a sua elaboração. A sua finalidade vai desde a captação da atenção para a leitura da revista até a disseminação das ideias, propósitos e valores da linha editorial do segmento de mídia ao qual pertence, que são disseminados por meio de diferentes semioses.

O seu meio de circulação tem passado por significativas mudanças, que se dão em meio às novas dinâmicas sociais, que, em parte, por sua vez, resultam dos avanços tecnológicos, sobretudo como consequência do surgimento da internet, que, dentre outros fatores, levaram as revistas ao formato digital. Atualmente, com o advento das redes sociais, muitas dessas capas são lidas e compartilhadas em uma velocidade que o meio impresso jamais conseguiu alcançar.

Para além do texto verbal, a capa de revista incorpora em sua essencialidade, também, a linguagem não verbal como parte elementar de sua composição. A essa articulação de diferentes linguagens dá-se o nome de multimodalidade, pluralidade de recursos de produção de sentidos e interpretações, fenômeno que precisa ser estudado e analisado criticamente com vistas ao desvelamento de discursos nocivos à dignidade da pessoa humana e a outros direitos e valores que os grupos hegemônicos se esforçam para deslegitimar.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) documento norteador de âmbito nacional, recomenda o trabalho com textos multissemióticos ou multimodais, sendo o termo “multimodalidade” citado duas vezes e a palavra “multissemiose” cunhada em

sete momentos diferentes. Essa recomendação se justifica pela importância do desenvolvimento das habilidades de leitura, criticidade e reflexão para além dos textos verbais.

Ademais, o currículo da cidade do Paulista também aponta para a mesma direção, quando, na habilidade nº 04, destinada aos anos finais do Ensino Fundamental, afirma ser necessário “Distinguir, em textos multimodais, relações de reiteração, complementação ou oposição entre informações visuais ou verbo-visuais e informações escritas, buscando os efeitos de sentido” (2022, p. 123). Assim, é reforçada a relevância deste trabalho para, de alguma forma, tentar contribuir para a atuação pedagógica de outros/as professores de Língua Portuguesa e, sobretudo, para a potencialização das aptidões leitoras de estudantes da educação básica.

1.4 Metodologia

A presente pesquisa classifica-se como uma pesquisa-ação, em que propomos a análise dos dados coletados a partir das intervenções realizadas em sala de aula. Essas intervenções deram-se por meio de um projeto de letramento crítico, no formato de sequência didática, organizada em cinco etapas, totalizando dez aulas, desenvolvido em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Jaime Gonçalves Bold, vinculada à rede de ensino do Município do Paulista, Pernambuco.

Localizada no bairro Vila Torres Galvão, a Escola Municipal Jaime Gonçalves Bold é considerada pela Secretaria de Educação do Paulista como uma unidade de ensino de alta complexidade, pois oferta à população paulistense todos os segmentos de ensino: Educação Infantil, Anos Iniciais e finais do Ensino Fundamental e Educação para Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), ficando excetuado o Ensino Médio por ser de competência estadual. A escola conta com uma média de trinta estudantes por turma, todos/as moradores/as dos bairros circunvizinhos. Quanto à sua estrutura, ela conta com nove salas de aula, uma sala de recursos para alunos/as com necessidades específicas, uma biblioteca, uma cozinha, quatro banheiros – sendo dois para o corpo discente e dois para o corpo docente e demais funcionários -, uma secretaria, uma sala da gestão escolar, uma sala de orientação educacional e um almoxarifado.

No tocante ao perfil dos/as estudantes da turma que participou das ações pedagógicas de letramento crítico, o 9º ano do Ensino Fundamental, todos/as

matriculados/as no turno da tarde, são adolescentes na faixa etária dos 13/14 anos de idade, em sua maioria do sexo masculino, vivendo sob a tutela dos pais. Todos/as eles/as receberam da Prefeitura do Paulista o material escolar completo, ou seja, livro didático, caderno, lápis grafite, lápis de cor, hidrocor, canetas e borracha, além de um *tablet* com acesso à internet, o que foi importante para o desenvolvimento desta pesquisa.

O espaço onde foi realizada a sequência didática foi a sala de aula onde o 9º ano vivencia as atividades escolares. Quanto ao horário, os encontros ocorreram à tarde, a partir das 13h, período de início das aulas desse turno. Sendo assim, os/as participantes não precisaram se deslocar de suas casas em outro horário senão o habitual de sua rotina escolar.

A pesquisa contou com a participação de todos/as os/as trinta estudantes matriculados do 9º ano, que aceitaram participar e receberam a devida autorização de seus responsáveis, sendo esses os seus critérios de inclusão. Entretanto, como critérios de exclusão, ficaram impossibilitados de fazer parte do estudo aqueles/as estudantes que não se fizeram presentes na escola no período de realização da sequência didática.

No entanto, antes da realização da primeira etapa, em uma reunião realizada na escola, foram detalhados para os/as alunos/as e seus responsáveis todas as etapas do trabalho, momento dedicado, também, à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Assentimento (TALE). Desta feita, todos os aspectos éticos e morais deste estudo foram integralmente respeitados em obediência às Resoluções 466/2012 e 510/2016, da CNS.

Esta investigação admitiu a existência dos possíveis riscos: desconforto para responder ao questionário proposto pelo pesquisador; constrangimento para participar das reflexões a serem realizadas em pequenos grupos; divulgação de dados confidenciais; e invasão da privacidade dos participantes. A partir disso, preparamo-nos para agir, caso necessário, com as seguintes medidas protetivas: apresentação de questionário de forma simples, em uma linguagem adequada à faixa etária dos/ass estudantes, sem que houvesse a inclusão de conteúdos constrangedores que pudessem causar-lhes algum tipo de desconforto; todos os grupos foram plenamente assistidos pelo pesquisador, com vistas a dirimir quaisquer desconfortos que pudessem surgir durante as reflexões propostas; foi garantido que fossem respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos de cada aluno/a; foi

assegurada a confidencialidade das informações coletadas ao longo das intervenções pedagógicas, com a garantia da segurança de todos os dados coletados; a proteção das imagens dos/as educandos foi salvaguardada a fim de que elas não fossem utilizadas em prejuízo dos/as participantes. Todas essas medidas cautelares foram tomadas de acordo com o Ofício circular 02/2021 da CONEP, garantindo a segurança de todos/as os/as envolvidos/as.

CAPÍTULO II

PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS: UM CAMPO DE MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES

Neste capítulo, refletiremos sobre os conceitos de alfabetização, letramento (s) e multiletramentos, apresentando as suas concepções e os seus objetos de estudo. Iniciaremos esse momento com uma reflexão acerca das mudanças que envolvem a compreensão sobre alfabetização e letramento, destacando as suas diferenças e seus entrelaçamentos pedagógicos.

Em seguida, concentraremos nossos olhares para o advento dos multiletramentos, que, para além das propostas dos estudos dos letramentos, envolvem outros aparatos semióticos importantes para as pesquisas sobre linguagem e práticas sociais. Para isso, são mobilizados importantes estudos de Moura e Rojo (2019), Soares (2022) e Vieira (2016).

2.1 Alfabetização e letramento: breves reflexões

Os estudos relacionados ao letramento levaram muitos/as pesquisadores/as a repensarem as práticas pedagógicas para além do processo de alfabetização. Porém as distinções entre esses dois campos de estudo nem sempre foram claras, deixando algumas obscuridades que pretendemos esclarecer neste capítulo.

Durante um período, entendeu-se alfabetização e letramento como uma coisa só, um processo único, sem distinções bem definidas. O próprio conceito de alfabetização passou, ao longo do tempo, por significativas mudanças, com isso, para serem consideradas alfabetizadas, as pessoas foram precisando desenvolver habilidades que antes não eram consideradas nesse processo.

Moura e Rojo (2019) afirmam que letramento difere de alfabetização por levar em consideração, além do domínio do sistema linguístico, a desenvoltura dos indivíduos nas diversas situações sociais. Para eles, o desenvolvimento de práticas de letramento não se reduz ao processo de aprendizagem da leitura e da escrita, sendo ele o resultado alcançado por uma pessoa como consequência de ter se apropriado não só da estrutura da língua, mas também de suas múltiplas

possibilidades de uso. Daí surge o adjetivo “letrado”, que, para ambos, designa um indivíduo que se relaciona com os exercícios de leitura e escrita.

Até a primeira metade do século XX, segundo Moura e Rojo (2019), para ser vista como alfabetizada, uma pessoa precisava apenas saber assinar o próprio nome, sem a necessidade da realização da leitura nem da escrita de textos. Essa era a condição de cerca de 43% dos brasileiros, e os outros aproximadamente 57% viviam em condição de analfabetismo.

Mas, após 1950, o mundo foi tomado por uma intensificação do processo de modernização. Nos grandes centros urbanos, saber assinar o próprio nome passou a não ser mais suficiente para as práticas sociais. Deu-se, então, lugar a novas práticas letradas, o que fez surgirem novas exigências.

Oito anos depois, em 1958, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) observou que saber o alfabeto e conseguir codificar e decodificar palavras não era mais suficiente para as tarefas urbanas. Por meio das Recomendações para a Estandarização das Estatísticas Educacionais, ela propôs que fossem consideradas alfabetizadas as pessoas capazes de ler, escrever e compreender um enunciado curto de sua vida cotidiana, uma vez que a relação com textos simples passou a ser requerida em relações de trabalho nas indústrias e nas grandes cidades.

Em 1978, a UNESCO apresentou novas recomendações. Dessa vez, afirmando que um indivíduo alfabetizado precisaria não só escrever e ler com compreensão textos curtos, mas também conseguir se relacionar com textos mais complexos, de variados gêneros e tipos, com as peculiaridades próprias da diversidade de práticas sociais decorrentes dos avanços da sociedade.

Foi nesse período que surgiu a expressão (an) alfabetismo funcional. Desse modo, passou a ser considerada alfabetizada a pessoa capaz de “funcionar” nas situações sociais letradas. Seguindo a mesma linha de raciocínio, analfabeto funcional era o indivíduo que, mesmo sendo alfabetizado, não conseguia se relacionar com funcionalidade com a pluralidade de textos que circulavam em sua comunidade.

Foi a partir dessa diversidade de níveis de alfabetismo que se passou a repensar o alcance da alfabetização. “Entre outros aspectos, foi para reconhecer esta variedade e diversidade de práticas de leitura e escrita nas sociedades que a reflexão teórica cunhou, em meados dos anos 1980, o conceito de letramento (MOURA e ROJO, 2019, p. 16). Essas mudanças oriundas dos avanços das grandes cidades

possibilitaram novas reflexões sobre a alfabetização, que deixou de ser compreendida como suficiente para a plena participação em uma sociedade cada vez mais complexa.

Em conformidade com isso, Soares (2022, p. 27) conceitua alfabetização como uma etapa em que o indivíduo se apropria do que ela chama de tecnologia da escrita, ou seja, do “conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades - necessárias para a prática da leitura e da escrita: domínio do sistema de representação que é a escrita alfabética”. De natureza linguístico-cognitiva, a alfabetização passou a ser, então, considerada insuficiente para as lides urbanas, uma vez que as sociedades se tornaram mais complexas e passaram a exigir novas habilidades, também mais complexas, de leitura, escrita e compreensão textual.

Para Moura e Rojo (2019), o letramento é de natureza socioantropológica, diferentemente da alfabetização, que se concentra em habilidades elementares de codificação e decodificação da língua. Para melhor distinguir ambos os termos, destacamos abaixo os conceitos de alfabetização e de letramento apresentados por Soares (2022, p. 27):

Alfabetização - Aquisição de modos de escrever e modos de ler – aprendizagem de uma certa postura corporal adequada para escrever ou para ler, seguindo convenções da escrita, tais como: a direção correta da escrita na página (de cima para baixo, da esquerda para a direita); a organização espacial do texto na página; a manipulação correta e adequada dos suportes em que se escreve e nos quais se lê – livro, revista, jornal, papel etc.

Letramento – Capacidades de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar ou informar-se, para interagir com outros, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para dar apoio à memória etc; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidade de orientar-se pelas convenções de leitura que marcam o texto ou de lançar mão dessas convenções, ao escrever; atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor.

Percebemos, portanto, que letramento tem ligação direta com práticas sociais, que são diversas e requerem outras habilidades, para além da alfabetização. Sendo variadas as sociedades e diversificados os contextos de uso da língua, são também múltiplos os contextos de letramento, ou melhor, letramentos, no plural, uma vez que essa diversidade de eventos de uso da leitura e da escrita requer diferentes práticas letradas.

Essas práticas estão diretamente relacionadas aos múltiplos gêneros textuais, que surgem para atender às demandas oriundas das vivências sociais. Essa relação dá-se porque produzir e compreender um gênero de texto requer habilidades de escrita e leitura que a alfabetização não dá conta de desenvolver.

Tomemos como exemplo o gênero Notícia. Para compreender com clareza as informações apresentadas numa notícia, o leitor precisa, além de decodificar as palavras escritas, conhecer a estrutura desse gênero, seus elementos composicionais, sua função social, sua finalidade, entre outros conhecimentos que a alfabetização, por si só, não desenvolve nos estudantes. Além disso, outros letramentos são necessários para uma satisfatória relação com outros gêneros. Falamos aqui dos gêneros multimodais (ou multissemióticos) e da necessidade do desenvolvimento dos multiletramentos, sobre os quais discutiremos a seguir.

2.2 Dos letramentos aos multiletramentos

Dinâmica que é, a sociedade tem passado por muitos processos de modernização. Esse movimento tem feito surgirem novas modalidades de uso da linguagem a partir dos novos gêneros textuais que respondem aos anseios que emanam das práticas sociais contemporâneas. Nesse esteio, a sociedade passou por uma intensificação tanto da diversidade cultural quanto da pluralidade linguística.

Diante dessas ampliações, surgiu a necessidade da discussão acerca do alcance dos letramentos, que já não mais davam conta dessa nova realidade. Diante disso, cunhou-se o termo “multiletramentos” para abarcar, não só os letramentos outrora reconhecidos, mas também os novos movimentos de uso da linguagem, por isso o prefixo “multi-“, que abre cada vez mais espaço para um leque de conceitos que inclui mídia e multimodalidade. Para Moura e Rojo (2019, p. 23), “ver assim o letramento e a linguagem descortina toda uma série de possibilidades de interpretações e de caminhos teóricos nunca antes vislumbrados”. Ou seja, o conceito de multiletramentos abre caminhos teóricos e de análise para atender às novas manifestações culturais e de linguagem.

Quanto às manifestações culturais, entende-se que, na atualidade, não cabem mais antigas concepções dicotômicas como culto/inculto, por exemplo. O que se tem, no caso, são hibridizações cada vez mais latentes. E essas manifestações culturais

híbridas exigiram o rompimento com a visão conservadora que, por muito tempo, foi cara às escolas.

[...] o que hoje vemos à nossa volta são produções culturais letradas em efetiva circulação social, como um conjunto de textos híbridos de diferentes letramentos (vernaculares e dominantes), de diferentes campos (ditos “popular/de massa/erudito), já eles, desde sempre, híbridos, que se caracterizam por um processo de escolha pessoal e política e de hibridização de produções de diferentes “coleções” (Moura; Rojo, 2019, p. 23).

Moura e Rojo (2019) refletem sobre a “descoleção” dos repertórios culturais tradicionais, ou seja, a abertura social para a produção de novos conteúdos e a seleção de novas coleções. Isso porque os novos movimentos sociais da contemporaneidade não só permitem como incentivam a produção e a circulação de conteúdos independentes, sobretudo a partir das novas tecnologias. Essas mudanças resultam de dois grandes fatores sociais: a multiplicidade de culturas e a diversidade de semiótica da constituição dos textos.

No que se refere à multiplicidade cultural, faz-se necessário observar que o que, atualmente, se vê em efetiva circulação são produções culturais letradas a partir de textos híbridos de distintos letramentos e de diferentes campos. Como resultado da abertura para novas possibilidades e para a democratização do acesso a diferentes meios digitais, deu-se o aumento da construção de coleções independentes, reconfigurando os meios de acesso e reprodução de mídias diversas.

Ademais, com a pluralidade de modos de produção de textos, passaram a ser exigidos novos letramentos, indispensáveis para a convivência com gêneros textuais produzidos com o uso de diferentes semioses, indo muito além da linguagem verbal, com o uso de imagens, cores, *layout's*, etc. Nessa discussão, Vieira (2016, p. 43) afirma que

Ressaltamos que a composição textual multimodal tem alimentado as práticas sociais, cuja riqueza de modos de representação utilizados incluem desde imagens, até cores, movimento, som e escrita, haja vista a existência frequente de eventos híbridos de letramentos, constituídos por composições com linguagem verbal, com linguagem visual e com linguagem corporal, marcas preponderantes do discurso contemporâneo.

Essa nova composição de textos, apresentando uma grande variedade de semioses, aponta para uma nova realidade no campo dos letramentos: a necessidade do desenvolvimento de novas habilidades de leitura e produção textual, haja vista o rompimento com o uso restrito da linguagem verbal.

Moura e Rojo (2019, p. 83) defendem que “O mundo contemporâneo impõe aos sujeitos uma variedade infundável de exigências que multiplicam enormemente a gama

de práticas, gêneros e textos que nele circula, e que, de uma forma ou de outra, deve ser abordados na esfera escolar”. A partir dessa realidade, a escola recebeu uma nova incumbência, que é preparar os indivíduos para esses multiletramentos, tornando-os capazes de se relacionarem com essa pluralidade de modos de produção de linguagem.

Em suma, a pedagogia dos multiletramentos surgiu para preparar os seres humanos para lidar com a, cada vez maior, complexidade das práticas sociais, o que engloba uma vasta diversidade cultural e linguística. Nesse viés, cabe à escola ampliar o olhar sobre essa diversidade e repensar um ensino que dê conta de capacitar os/as estudantes para conviverem ativamente com essa realidade.

CAPÍTULO III

PARA ALÉM DAS PALAVRAS: TEXTO, MULTIMODALIDADE E PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Koch (2003), ao refletir sobre o conceito de texto, afirma que ele se constitui como o resultado parcial de atividades comunicativas em situações reais de interação social. Sendo assim, o texto é compreendido não como um fim em si mesmo, mas como um produto cujo sentido tem inteira relação com as práticas sociais.

Um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido (KOCH, 2003, p. 30).

Nessa perspectiva, Halliday e Hasan (1976, p. 1-2) afirmam que

Um texto é uma unidade em uso. Não é uma unidade gramatical, tal como uma frase ou sentença; e não é definido por sua extensão. [...] Um texto é, melhor dizendo, uma unidade semântica: não uma unidade de forma e sim de sentido.

Para eles, o texto não se limita a uma sentença, sendo considerado uma unidade semântica, não gramatical. Essa visão sobre o conceito de texto é resultado de importantes mudanças no campo da Linguística, que passou a considerar outras possibilidades de uso da linguagem. Uma dessas mudanças deve-se ao advento do Funcionalismo, na década de 1970. Para os estudiosos desse paradigma, a linguagem é vista como “um instrumento de interação social, empregado por seres humanos com o objetivo primário de transmitir informação entre interlocutores reais” (Pezzati, 2011, p. 169).

Dessa maneira, a corrente funcionalista compreende a língua a partir do seu uso e das suas diversas manifestações por meio dos seus usuários. É nesse esteio que a noção de texto passa por significativas transformações em sua conceituação. Segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 3),

Quando as pessoas falam ou escrevem, elas produzem texto; e texto é o meio pelo qual ouvintes e leitores se envolvem e produzem sentido. O termo texto refere-se a qualquer instância da língua, em qualquer meio, que faça sentido para alguém que conhece a língua; podemos caracterizar texto como a língua funcionando em contexto.

Antunes (2014) defende ser o texto um produto das interações sociais, apresentando-se, portanto, inseparável do contexto, das finalidades, das ideologias,

do posicionamento dos falantes, pois todas as ações que envolvem o uso da linguagem são essencialmente dialógicas.

De tal sorte isso acontece que o produto que daí resulta é, na verdade, um texto coletivo, ajustado em cada momento às demandas expressas pelo outro, mesmo que um dos interlocutores, por força do contexto, mantenha a posse da palavra, como acontece em uma conferência, por exemplo, ou esteja apenas previsto, como acontece em muitas situações da escrita (ANTUNES, 2014, p. 18).

Por isso, quando se reflete sobre a linguagem, conseqüentemente vem à tona a concepção de interação social, que, segundo Antunes (2014, p. 18), “[...] como está sinalizado pela própria composição da palavra, aplica-se a toda ‘ação’ ‘entre’ dois ou mais sujeitos. Representa uma ação conjunta; uma atividade realizada por mais de um agente”.

As produções textuais, no entanto, são construídas de diversas maneiras, por meio de imagens, sons, cores etc. Isso se dá porque o texto, como produto das manifestações humanas em sociedade, apresenta-se de modos diferentes, o que os estudiosos das múltiplas composições textuais chamam de semioses.

Assim sendo, a atividade interativa textual não se realiza exclusivamente por meio dos elementos linguísticos presentes na superfície do texto. Por muitos anos, essa era a ideia que se tinha de cotexto – a parte verbal materializada do texto. Estamos propondo que o cotexto abarque não somente elementos linguísticos, mas todas as formas explicitadas na superfície textual e o modo como elas se dispõem e se hierarquizam, o que pode incluir imagens, sons, ou até percepções táteis (CAVALCANTE; PAULIUKONIS, 2018, p. 10).

Tal concepção deu margem às discussões acerca da multimodalidade. Dionísio (2011, p. 39) afirma que “Na sociedade contemporânea, a prática de letramento da escrita, do signo verbal, deve ser incorporada à prática de letramento da imagem, do signo visual”. Isso implica dizer que as mudanças sofridas pela sociedade contemporânea a levaram a complexidades que refletem nos textos a necessidade, também, do uso de recursos não verbais para a construção de sentidos.

2.1 Para além do texto verbal: a multimodalidade e a produção de sentidos

A multimodalidade lida com as várias possibilidades de uso da linguagem em seu sentido mais amplo (oral, escrita, sonora, visual), levando em consideração os aspectos sociais, culturais e discursivos que fazem parte de quaisquer práticas comunicativas.

As construções multimodais partem do princípio de que todo texto é, concomitantemente, formado por múltiplos caminhos de manifestação da linguagem, ou seja, os aparatos visuais, por exemplo, têm a mesma relevância que as palavras na produção e na transmissão de um discurso.

Nesse viés, os discursos materializam-se de diversos modos, também conhecidos como semioses, por meio dos quais os textos são projetados, produzidos e distribuídos nos muitos contextos sociais em que são efetivadas as práticas comunicativas.

Ressaltamos que a composição textual multimodal tem alimentado as práticas sociais, cuja riqueza de modos de representação utilizados incluem desde imagens, até cores, movimento, som e escrita, haja vista a existência frequente de eventos híbridos de letramentos, constituídos por composições com linguagem verbal, com linguagem visual e com linguagem corporal, marcas preponderantes do discurso contemporâneo (VIEIRA, 2015, p. 43).

Dessa forma, faz-se necessário o entendimento de que, a partir dos princípios da multimodalidade, para que os textos sejam compreendidos, é preciso analisar a função de cada elemento que o compõe. Isso se dá porque cada semiose mobilizada tem uma função específica, sempre levados em consideração os seus usos sociais, culturais, políticos, dentre outros, bem como a finalidade dos textos e a intencionalidade de quem os produz.

A imagem, por exemplo, tem um papel importante e específico na produção de sentidos e na materialização de um discurso, assim como outros modos, que assumem papéis relevantes nas atividades sociocomunicativas. Assim,

[...] em contextos multimodais, as imagens transformam-se em referências diretas ou indiretas da realidade física e social, sendo necessária uma escolha seletiva, tendo em vista que as sociedades usam imagens como um modo de legitimar argumentos e fatos relatados e descritos [...] (VIEIRA, 2015, p. 46)

O uso da imagem estabelece a necessidade de outras habilidades de leitura. Nesse caso, faz-se essencial compreender, também, aquilo que é apresentado sem o uso do signo verbal, por mais que, muitas vezes, esteja relacionado a ele. Mesmo que a escrita ainda seja a centralidade da maioria dos textos, há muitos gêneros textuais que fazem de outras semioses o eixo central de sua composição.

Santaella (2005) afirma que as linguagens não são puras, mas híbridas. Isso porque tanto os signos verbais quanto os visuais se inter-relacionam na sociedade e contribuem para a produção de sentidos de diversos gêneros textuais. A multimodalidade apresenta-se, então, relevante para a escola, pois inserir na

educação básica toda essa pluralidade de possibilidades de uso da linguagem potencializa o desenvolvimento da criticidade e das habilidades de multiletramentos dos/as estudantes. Nesse esteio, para compreender as inter-relações das semioses, é interessante voltar-se aos estudos desenvolvidos por Kress e van Leeuwen (2006) quando escreveram a Gramática do Design Visual (GDV).

2.2 Gramática do Design Visual: princípios norteadores e elementos básicos de sua concepção

Kress e van Leeuwen (2006) conceberam a Gramática do Design Visual com objetivo de sistematizar os usos dos aparatos visuais nas produções de textos. Para eles, tanto quanto os signos verbais, os imagéticos também possuem uma organização própria de seus elementos semióticos. Dessa forma, os componentes não verbais possuem particularidades de representação e se relacionam, tanto quanto as palavras, com todos os participantes dos eventos e práticas de linguagem.

Para levar a efeito a análise multimodal, é necessário que tratemos dos modos semióticos, que descrevem como as semioses podem representar a verdade do mundo real; como as imagens constroem a realidade; como elas recortam o mundo e como intencionalmente podem omitir detalhes (VIEIRA, 2015, p. 45).

Para Vieira (2015), as imagens são utilizadas como um mecanismo de legitimação de argumentos, porém não se pode ignorar que elas, através de diversas mídias, contribuem com a identificação de construções ideológicas nos diferentes espaços midiáticos.

A Gramática Sistêmico-Funcional, de Halliday (1994), apresenta três funções metafuncionais: a ideacional, a interpessoal e a textual. A partir delas, Kress e van Leeuwen (2006), em sua GDV, anunciam as dimensões representacional, interativa e composicional, sobre as quais trataremos a seguir.

2.3 Dimensão representacional em composições imagéticas

Ao tratar da dimensão representacional, cabe uma reflexão sobre como os indivíduos são apresentados e representados por meio das imagens. Isso é importante porque as mobilizações semióticas e as construções visuais podem apontar para a análise das concepções ideológicas dos seus produtores.

Essas representações, a partir dos estudos de Kress e van Leeuwen (2006), dividem-se em dois grandes grupos: representações narrativas e representações conceituais. No entanto, por questões metodológicas, nesta pesquisa, trataremos apenas das representações narrativas.

2.3.1 Representações narrativas em textos visuais

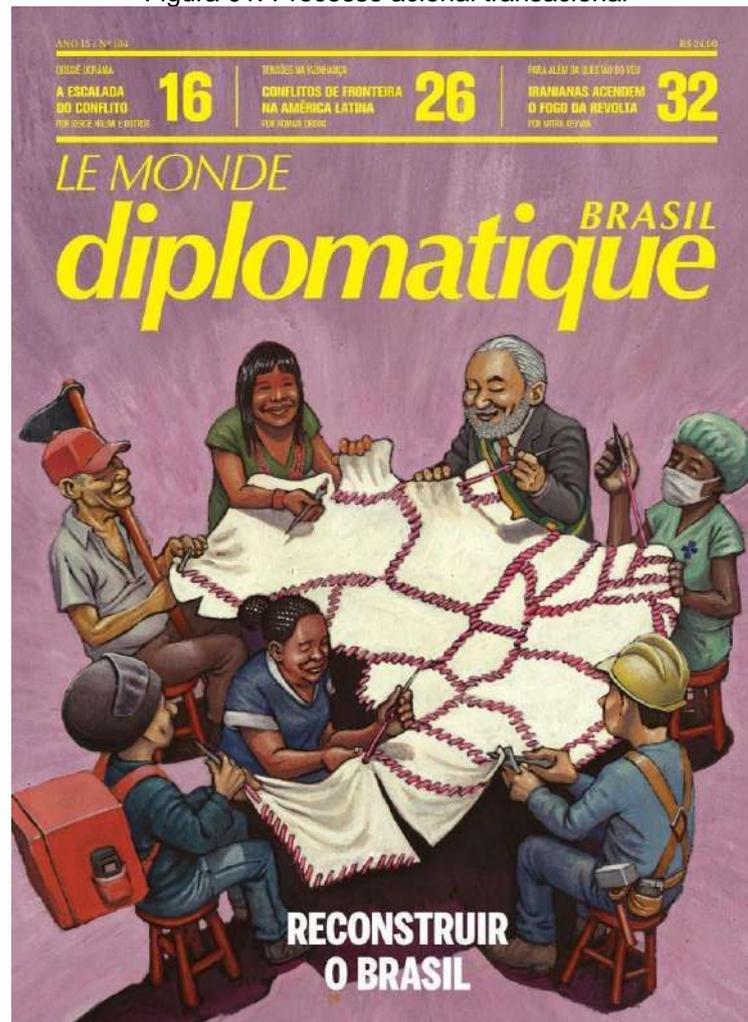
As representações narrativas realizam-se por meio dos processos que introduzem os participantes em eventos e ações, podendo ser acional, reacional, verbal ou mental. Todos eles estão relacionados aos indicadores de movimento e posicionamento dos participantes representados, bem como o direcionamento dado aos seus olhares.

2.3.1.1 Processos acional, reacional, verbal e mental nas representações narrativas

Tanto o processo acional quanto o reacional são identificados pela presença de uma linha imaginária (vetor) que indica ação e/ou movimento. No caso do processo reacional, esse vetor é formado pelo olhar do ator social representado na imagem.

Esses processos podem, ainda, ser subdivididos em dois outros: o transacional e o não transacional. O primeiro diz respeito à identificação do autor da ação praticada na imagem, bem como do objeto dessa ação, como se pode observar na Figura 01, em que os indivíduos representados observam e costumam o mapa do Brasil.

Figura 01: Processo acional transacional



Fonte: Revista Le Monde Diplomatique

Já no processo não transacional, não é possível identificar para quem ou para o que o olhar dos participantes da ação está sendo direcionado, conforme observa-se na Figura 02.

Figura 02: Processo reacional não transacional



Fonte: Revista Veja

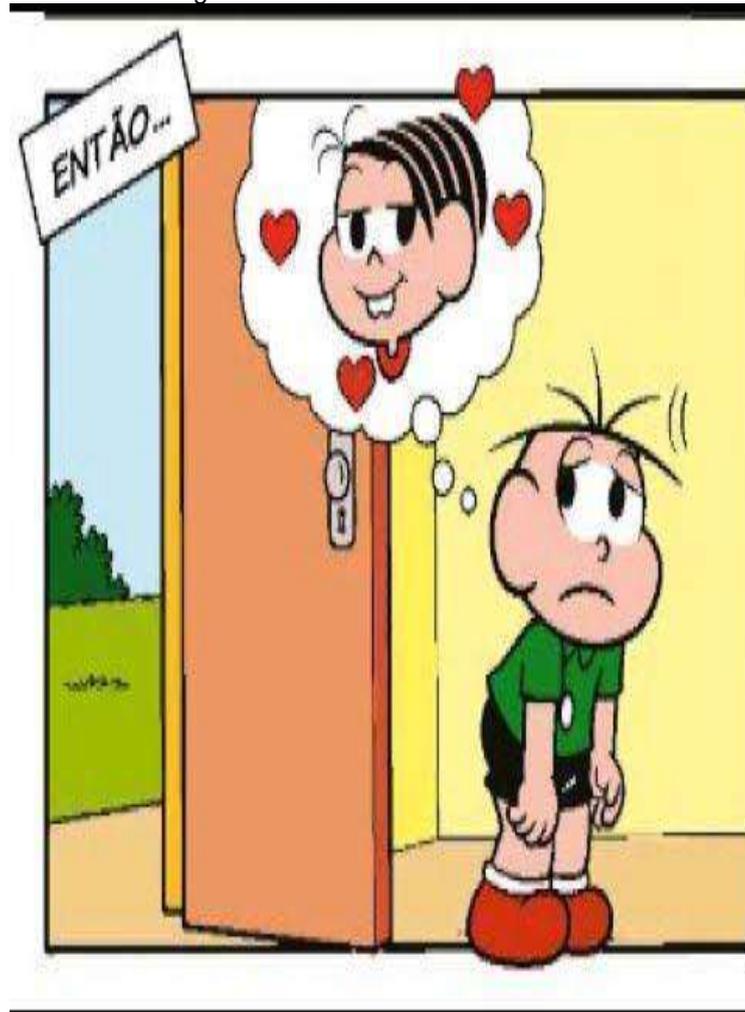
Além dos processos acional e reacional, existem também o verbal e o mental, que são marcados por balões de fala e de pensamento, respectivamente. É o que se vê nas figuras abaixo.

Figura 03: Processo Verbal



Na figura acima, percebe-se a presença de balões que marcam a fala dos personagens em cena. É o caso do processo verbal, bastante utilizado em gêneros textuais multimodais como as histórias em quadrinhos, por exemplo.

Figura 04: Processo Mental



Fonte: Youtube

No exemplo acima, com o uso da linguagem não verbal, é apresentado um balão de pensamento do personagem Cebolinha, não fazendo parte da cena marcações de fala desse personagem.

Em relação ao olhar, quando ele não está voltado diretamente ao leitor, tem-se o não estabelecimento de interação direta. Nesse caso, a postura do leitor é de “mero” observador da cena. É o que pode ser examinado na Figura 05. Nessa capa da Revista Istoé, o olhar de Luiz Inácio Lula da Silva está voltado para baixo, sem direcionamento para quem observa a revista. Desse modo, não há com o leitor nenhuma interação por meio desse olhar, restando apenas uma relação de observação por parte de quem faz a leitura dessa imagem. O leitor, portanto, não é participante da cena, sendo apenas um observador.

Figura 05: Leitor observador



Fonte: Revista Istoé (ed. 2474)

De maneira diferente, analisando a edição nº 2880 da Revista Veja (figura 06), percebe-se que o homem representado na capa está com o olhar voltado diretamente para o leitor, estabelecendo com ele uma relação direta de interação, tornando-o coparticipante da ação.

Figura 06: Leitor coparticipante



Fonte: Revista Veja (ed. 2880)

2.4 Dimensão interativa em composições imagéticas

A dimensão interativa envolve os participantes representados nas composições imagéticas e os participantes interativos, que são aquelas que interagem por meio das imagens, aquelas que observam as imagens e aquelas que as produzem. Nesse caso, temos, por meio do contato, casos em que o participante representado olha diretamente para o observador ou em que esse direcionamento direto do olhar não ocorre, sendo classificados, respectivamente, como olhar de demanda e olhar de oferta.

Figura 07: Olhar de demanda



Fonte: Revista Istoé

Figura 08: Olhar de oferta



Fonte: Revista Istoé

Uma outra categoria de análise interativa diz respeito ao distanciamento entre o participante representado e o seu observador. É o caso do enquadramento dado pelo produtor da imagem com o objetivo de representar os participantes postos em cena.

Trata-se da escolha entre recursos de enquadramento da imagem, relacionado ao modo como produtores de imagem optam por representar as figuras mais longe ou mais próximas do observador. A interação entre os participantes é, pois, marcada por uma relação de maior ou menor 'intimidade' (COSTA, 2016, p. 106).

Nesse caso, quanto mais fechado for o plano de enquadramento, mais próximo o observador fica do participante representado, existindo entre eles uma relação de maior intimidade. Entretanto, quando o plano é mais aberto, menor é a intimidade, pois, pelo fato de a distância ser maior, para o leitor, ficam menos perceptíveis as emoções transmitidas pelos participantes da imagem.

Figura 09: Maior intimidade



Fonte: Revista Istoé

Na capa de revista acima, é possível reparar que o enquadramento dado à fotografia de Jair Bolsonaro o aproxima do/a leitor/a. Isso gera um grau de intimidade maior entre ambos. Caso diferente pode ser visto no exemplo a seguir, em que o enquadramento da imagem de Luiz Inácio Lula da Silva se dá em um plano mais aberto, distanciando observador/a e imagem, gerando menos intimidade entre eles.

Figura 10: Menor intimidade



Fonte: Revista Veja

CAPÍTULO IV

ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA ESTA PESQUISA

3.1 Análise Crítica do Discurso: noções preliminares

A Análise Crítica do Discurso (ACD) se estabeleceu como área de conhecimento no início dos anos 1990, a partir do encontro de pesquisadores como Teun van Dijk, Ruth Wodak e Norman Fairclough, em um simpósio realizado em Amsterdã, em janeiro de 1991. Em seu desenvolvimento, a ACD deu continuidade aos estudos realizados pela Linguística Crítica, apresentando ramificações na Linguística Textual, na Pragmática, na Sociolinguística, bem como nas Ciências Sociais.

A ADC é, por princípio, uma abordagem transdisciplinar. Isso significa que não somente aplica outras teorias como também, por meio do rompimento de fronteiras epistemológicas, operacionaliza e transforma tais teorias em favor da abordagem sociodiscursiva (RAMALHO; RESENDE, 2006., p. 14).

Sem se abster da análise textual, a ACD, que é textualmente orientada, considera ser de grande relevância o estudo da linguagem e de suas manifestações nas relações sociais. Ela entende a linguagem como prática social, divergindo, dessa maneira, da Linguística Formal. Isso se dá porque o discurso é compreendido como um elemento capaz de moldar essas relações e de ser moldado por elas, pois concebe-as como um conjunto de práticas ordenadas através de ações situadas social e historicamente.

Nesse viés, com base na essencialidade dos contextos para o estudo das relações discursivas, a ACD lança propostas de pesquisa das relações estabelecidas por diversos “setores” da sociedade, como a política, a mídia, o gênero, as discriminações, entre outros. Por isso, diz-se que ela contribui fortemente para a reflexão e o debate sobre questões de relevância social.

Muitas são as metodologias de análise ofertadas pela ACD, mas, neste trabalho, adotamos a Teoria Social do Discurso, por a considerarmos mais apropriada para alcançarmos os nossos objetivos. Desenvolvida por Norman Fairclough, essa teoria baseia-se no entendimento da linguagem como parte indissociável das dinâmicas da sociedade, relacionada a outros elementos também relacionados às práticas sociais.

Trata-se de uma proposta que, com amplo escopo de aplicação, constitui modelo teórico-metodológico aberto ao tratamento de diversas práticas na vida social, capaz de mapear relações entre os recursos linguísticos utilizados por atores sociais e grupos de atores sociais e aspectos da rede de práticas em que a interação discursiva se insere (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 11-12).

Dentre as muitas contribuições de Fairclough para a ACD, está a criação de um método transdisciplinar de estudo do discurso e de seu encadeamento com as práticas sociais e discursivas. Portanto, nessa concepção, não se concebe linguagem sem relação com as manifestações sociais. Nessa perspectiva, “a linguagem é parte irreduzível da vida social, o que pressupõe relação interna e dialética de linguagem-sociedade” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 13). Então não é possível analisar discursos sem que se leve em consideração, além dos aspectos voltados ao texto, os elementos sociais que envolvem a produção discursiva.

No esteio do paradigma funcionalista, a ACD contrapõe-se ao Formalismo no que diz respeito à sua visão acerca da linguagem. Enquanto os formalistas entendem a linguagem como um objeto autônomo, os funcionalistas levam em consideração os elementos externos a ela, que influenciam em sua organização.

Está claro, entretanto, que o conhecimento acerca da gramática – uma gramática funcionalista – é indispensável para que se compreenda como estruturas linguísticas são usadas como de ação sobre o mundo e sobre as pessoas [...] Isso porque é temerário reduzir a linguagem a seu papel de ferramenta social, bem como reduzi-la ao seu caráter formal [...] (MAGALHÃES; RESENDE, 2006, p. 13-14).

Por isso, para os analistas do discurso, somente o conceito funcionalista é aplicável (MAGALHÃES; RESENDE, 2006, p. 13), pois, no funcionalismo, o discurso é compreendido como a linguagem em uso, diferentemente do formalismo, que o define como uma unidade acima da sentença. No entanto, não se trata de ignorar o estudo da forma, do signo linguístico, mas da necessidade do equilíbrio entre forma e função.

Dessa maneira, a ACD, na direção apontada por esse paradigma, eleva os elementos externos ao signo linguístico a um patamar de essencial importância no processo de análise das relações humanas que se dão por meio de diferentes discursos circulantes na sociedade. E é sobre esses elementos, tendo como ponto de partida a Teoria Social do Discurso, de Norman Fairclough (2001), que trataremos nas seções seguintes deste capítulo.

3.2 Linguagem em movimento: o discurso

O conceito de discurso é basilar para a Análise Crítica do Discurso, porém não é pacífico o entendimento que se tem sobre ele. Vale destacar, pois, que, ao pensar sobre os estudos discursivos, é importante entender que há vertentes teóricas diferentes, e cada uma delas apresenta uma concepção distinta acerca desse tema, tendo a maioria delas sofrido importantes influências de Michel Foucault e de sua concepção. Para ele, o discurso trata-se de

um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (2008, p. 133).

Nessa direção, outros estudiosos das relações entre discurso e sociedade apresentaram novas contribuições. Fairclough (2001, p. 95) defende que há uma “relação dialética entre o discurso e a estrutura social”, havendo, dessa maneira, movimentos de influência mútua entre ambos. Ou seja, a estrutura da sociedade é tanto uma causa quanto um efeito.

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social, que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de significação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significação (2001, p. 95).

No entanto, conceituá-lo nunca foi uma tarefa fácil. Pelo contrário, o seu alto grau de complexidade fez com que Fairclough (2017, p. 3, *apud* OLIVEIRA, 2023, p. 24) admitisse que ele é “um conceito difícil principalmente porque há muitas definições conflitantes e sobrepostas formuladas a partir de vários pontos de vista teóricos e disciplinares”. Esses muitos pontos de vista envolvem as diversas concepções defendidas pelas muitas áreas da Linguística, desde a ideia de discurso como sinônimo de texto até a sua percepção enquanto prática social.

Ramalho e Resende (2011, p. 15) reforçam que, para a ACD, a “linguagem se manifesta como discurso: como uma parte irredutível das maneiras como agimos e interagimos [...]”. Não há, portanto, como desmembrar discurso de linguagem, bem como não é possível conceber práticas discursivas alheias às práticas sociais. Fairclough confere dois sentidos diferentes para a palavra discurso. De um lado, ele é entendido em um plano abstrato, em que estão inseridas todas as semioses, incluindo imagens, palavras, cores, sons. De outro lado, por sua vez, em um sentido

menos amplo, ele o apresenta para se referir aos modos particulares de produção e representação nas relações sociais.

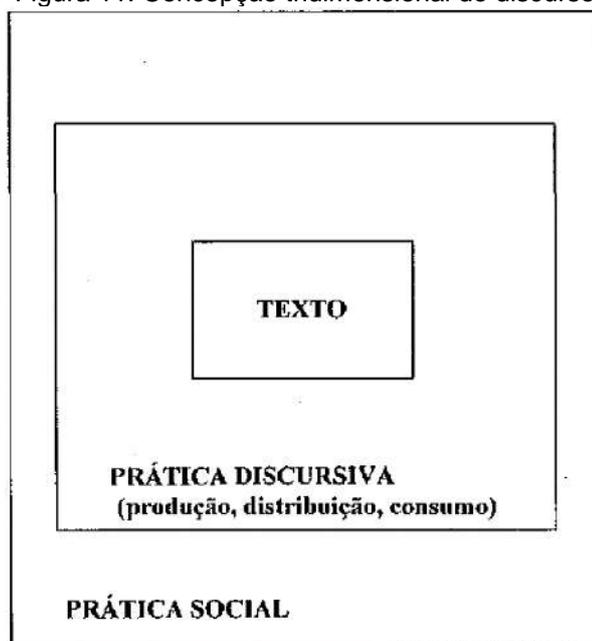
Para a ACD, o estudo da relação do discurso com as dinâmicas das pessoas e das instituições na vida em sociedade é de fundamental importância para que se possa compreender como as ideologias são transmitidas, defendidas e perpetuadas, além de “como as pessoas obtêm e mantêm o poder dentro de uma dada comunidade” (WODAK, 2004, p. 238).

3.3 Concepção tridimensional do discurso: prática social

A concepção tridimensional do discurso apresenta três dimensões de análise de discursos: o texto, as práticas discursivas e as práticas sociais. Para ele, o estudo dessas três dimensões é essencial para que se desvele relações desiguais de poder, sejam elas exercidas no âmbito político, midiático, escolar ou outros. Isso se dá porque o discurso pode se manifestar como prática social, como prática discursiva e como texto, devendo ser estudado dentro dessas três dimensões, dado o seu caráter dialético. Consoante Flairclough (2001, p. 22),

Qualquer “evento” discursivo (isto é, qualquer exemplo de discurso) é considerado como simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social. A dimensão do ‘texto’ cuida da análise linguística de textos. A dimensão da “prática discursiva”, como “interação”, na concepção “texto e interação” de discurso, especifica a natureza dos processos de produção e interpretação textual – por exemplo, que tipos de discurso (incluindo “discursos” no sentido mais socioteórico) são derivados e como se combinam. A dimensão de “prática social” cuida de questões de interesse na análise social, como as circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo e como elas moldam a natureza da prática discursiva e os efeitos constitutivos/construtivos referidos anteriormente.

Figura 11: Concepção tridimensional do discurso



Fonte: FAIRCLOUGH (2001, p. 105)

Nesse viés, todo evento discursivo deve ser compreendido simultaneamente tanto como uma prática discursiva quanto uma prática social, sem deixar de levar em consideração o texto, uma vez que, para a Teoria Social do Discurso, uma análise deve ser textualmente orientada, pois os textos representam a realidade e estabelecem relações sociais.

O âmbito da prática social posiciona-se como de importância essencial para a ADC, visto que se trata de um conjunto de práticas que entrecruzam visões de mundo, valores e crenças que circundam as relações entre as pessoas e as instituições. Dessa maneira, estão inseridos, nessa dimensão, os contextos de produção de discursos e os sujeitos envolvidos nessas situações.

3.3.1 Ideologia

Fairclough (2001) apresenta, com destaque especial, o conceito de ideologia. Para isso, ele recorre a importantes estudiosos da linguagem, como Althusser (1971) e Thompson (1984–1990). No tocante às influências de Althusser, alguns princípios são defendidos como essenciais por Fairclough, que socializa as seguintes considerações:

As bases teóricas que tenho em mente são três importantes asserções sobre ideologia. Primeiro, a asserção de que ela tem existência material nas práticas das instituições, que abre o caminho para investigar as práticas discursivas como formas materiais de ideologia. Segundo, a asserção de que a ideologia 'interpela os sujeitos", que conduz à concepção de que um dos

mais significativos 'efeitos ideológicos' que os linguistas ignoram no discurso (segundo Aithusser, 1971: 161, n. 16), é a constituição dos sujeitos (2001, p. 116-117).

Essas alegações levam à percepção de como se dão as relações entre o discurso e a ideologia, porque compreende as produções discursivas como uma espécie de materialização ideológica e concebe o discurso como causa e efeito das demandas ideológicas, reforçando o caráter dialético que há entre esses dois elementos. Fairclough, nessa perspectiva, estuda as ideologias como uma ferramenta de dominação nas relações sociais. Ele compreende que elas são

significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação (2001, p. 117).

Esse conceito de ideologia diverge da ideia de outros estudiosos da ACD no que diz respeito ao seu caráter transformador das relações de dominação. Para ele, portanto, as ideologias podem tanto produzir e reproduzir relações de poder quanto transformá-las. Para isso, ele argumenta a favor de uma análise que favoreça o desvelamento dos mecanismos de produção e reprodução de poder para que seja alcançada a mudança social.

Essa é uma razão para se defender uma modalidade de educação linguística que enfatize a consciência crítica dos processos ideológicos no discurso, para que as pessoas possam tornar-se mais conscientes de sua própria prática e mais críticas dos discursos investidos ideologicamente a que são submetidas (FAIRCLOUGH, 2001, p. 120).

Nota-se, pois, o caráter educativo que é proposto na Teoria Social do Discurso. Educar para a criticidade, para que discursos propositalmente velados sejam desnudados, desvelados e enfrentados. Pois se as práticas são reais e dinâmicas, que esse dinamismo provoque mudanças nas configurações sociais.

3.3.2 Hegemonia

Ao discorrer sobre hegemonia, Fairclough (2001) resgata o conceito defendido por Gramsci (1988, 1995) e afirma que se trata de um domínio estabelecido por meio do poder de um grupo sobre os demais, de forma muito mais consensual do que no uso de variados tipos de violência, buscando a naturalização de ideologias dos nichos dominantes. Essas reproduções ideológicas moldam as práticas sociais e culturais por meio de discursos que fortalecem os interesses das classes detentoras de poder e

perpetuam desigualdades sociais. Fairclough (2001, p. 116) defende que hegemonia é

“um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas”.

Isso inclui diversos segmentos da sociedade civil, como educação, mídia e política, em uma luta constante, com conquistas parciais e instáveis, pela manutenção de poderes. A partir do conceito de hegemonia, a ACD propõe, também, uma reflexão acerca da luta hegemônica, que se dá por meio da aliança de diferentes grupos que se articulam para disseminar suas visões a fim de assegurar a sua liderança sobre os demais. Essa seara funciona como uma espécie de campo de oposição de distintas forças que disputam para moldar as práticas sociais, por meio do discurso, seus valores e convenções culturais.

Há distintas maneiras de se instaurar e manter a hegemonia, dentre elas, a luta hegemônica travada no/pelo discurso. Quando essas perspectivas favorecem algumas poucas pessoas em detrimento de outras temos representações ideológicas, voltadas para a distribuição desigual de poder baseada no consenso (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 24).

“É por isso que o conceito de poder como hegemonia, conquistado mais pelo consenso do que pelo uso da força, reforça a relevância das ideologias, veiculadas pelo discurso” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 25). A luta hegemônica, portanto, inclui reorganização de sentidos e identidades, rearticulando discursos existentes e propondo a criação de novos discursos, sendo um artifício de manutenção da hegemonia.

3.4 Concepção tridimensional: prática discursiva

A dimensão da prática discursiva envolve os processos pelos quais os textos são produzidos, distribuídos e consumidos, tudo a partir de um contexto específico de produção, distribuição e consumo, que são sociocognitivos e estão ligados a contextos políticos, institucionais e econômicos. As práticas discursivas são dotadas de parcialidade, não sendo, em nenhuma hipótese, envoltas por neutralidade, pois são influenciadas por ideologias que fazem com que elas exerçam forte interferência nas estruturas da sociedade.

Por *produção*, entendemos que se trata de um processo particular que ocorre em contextos específicos, levando em consideração as condições de produção, o próprio gênero textual em questão e seus modos de organização. Também é levada em consideração, nesta etapa, o que é apropriado ou não para o conteúdo dos textos, uma vez que eles são dotados de ideologia e, como dito anteriormente, desprovidos de neutralidade.

A *distribuição* diz respeito aos meios e modos como os textos são disseminados para alcançarem seu público-alvo. É nesse momento que são analisados os canais de comunicação utilizados, como a capa de revista, por exemplo, bem como as movimentações sociais que facilitam ou restringem o consumo dessas produções, além da maneira como as informações serão apresentadas, o que tem o potencial de moldar as interpretações no momento do consumo e os seus efeitos na sociedade.

O *consumo*, por sua vez, refere-se ao momento em que os leitores ou ouvintes interpretam e utilizam os textos. Trata-se de um ato ativo e dinâmico, momento em que os consumidores praticam inferências que mobilizam seus conhecimentos prévios acerca da temática apresentada, o que pode reforçar ou desafiar as estruturas de poder.

Essa dimensão apresenta uma função mediadora entre as demais, que são a prática social e o texto. Isso quer dizer que as transformações nas práticas discursivas sinalizam mudanças nas práticas sociais, mediando as relações entre estas e os textos. A partir dessa concepção, não há como analisar textos sem levar em consideração os efeitos das práticas discursivas e a sua conexão com as práticas sociais.

A prática discursiva envolve uma pluralidade de elementos, como modos de organização textual, gêneros textuais, figuras e níveis de linguagem, léxico, dentre outros. Mas é importante levar em consideração, também, os aspectos sociais que levam à elaboração de discursos, como a estrutura social, as relações entre os atores sociais, as ideologias, os eventos, além dos próprios textos.

Para Ramalho e Resende (2006, p. 28), “A natureza da prática discursiva é variável entre os diferentes tipos de discurso, de acordo com fatores sociais envolvidos”. Nesse sentido, é imprescindível entender que, a partir da diversidade de contextos, a produção e a distribuição de discursos também são dotadas de variabilidade, ocorrendo o mesmo com o consumo, visto que as interpretações realizadas dos textos produzidos e distribuídos também são instáveis.

Para Fairclough (2001), compreender as dinâmicas das práticas discursivas é essencial para a ADC, pois elas desvelam o modo como textos são produzidos e utilizados para legitimar ou desafiar as estruturas de poder existentes, estando diretamente ligadas a estratégias de manipulação das mentes, fazendo uso estratégico da linguagem para “normalizar” ideologias dos grupos detentores de poder.

3.5 Concepção tridimensional: texto

A linguagem humana, enquanto prática social, concretiza-se por meio de textos que, por sua vez, materializam discursos dotados de ideologias. Essa perspectiva converge com a abordagem Dialético-Relacional, proposta por Fairclough (2001) em sua Teoria Social do Discurso. Segundo esse estudioso, os textos, para além de refletirem, constroem e modificam as estruturas sociais, como vetores de reprodução e contestação das relações de poder e sendo, consoante Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 202), “resultantes da estruturação social da linguagem, mas são também potencialmente transformadores dessa estruturação, do mesmo modo como os eventos sociais são resultado e substrato das estruturas sociais”.

Nesse esteio, os textos são vistos como a unidade básica de análise, pois apresentam-se como elemento central, que, no juízo de Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 42), são “todos aqueles produzidos nas mais diversas situações sociais, formais ou informais, tanto os escritos como os falados ou visuais”. Esse ponto de vista reforça a importância do estudo dos textos multimodais para a ADC, a exemplo das capas de revista.

Reconhecendo que o modelo tridimensional de discurso apresenta o texto como elemento indissociável das práticas discursivas e sociais, é crucial entender que é por meio dele que as ideologias são produzidas, distribuídas e consumidas. Esse movimento ocorre através de uma grande diversidade de gêneros, visto que todo texto é produzido a partir de uma prática em sociedade.

Nesse modelo, são apresentadas algumas categorias para a análise do texto dentro da concepção de tridimensional: o vocabulário, que engloba os processos de lexicalização e os significados das palavras, possibilitando a identificação das escolhas lexicais que refletem e reproduzem ideologias e relações de poder; a gramática, que se refere ao arranjo das frases e orações, fornecendo hipóteses sobre

como as construções sintáticas influenciam a interpretação e a produção de significados; a coesão, no que tange ao elo entre os seus elementos, como coesão referencial e coesão sequencial; e a estrutura textual, que remete ao elementos de organização do próprio texto, como a segmentação dos parágrafos, o encadeamento das ideias e o uso de recursos estilísticos.

No entanto, por uma questão metodológica de delimitação deste trabalho, focaremos exclusivamente nas seleções lexicais realizadas nas produções textuais. Essas escolhas por palavras e expressões nos textos, desprovidas de neutralidade, são cruciais, pois os “sentidos [...] entram em disputa dentro de lutas mais amplas” (Fairclough, 2001, p. 110), reproduzindo os exercícios de poder e as ideologias em jogo, cuja análise propicia o entendimento de como certos discursos alcançam a dominação e naturalizam determinadas visões de mundo ao passo que marginalizam outras.

3.5.1 O estudo do léxico na Análise Crítica do Discurso

Por léxico, entende-se o complexo de palavras e expressões que formam o vocabulário de uma língua. Ele engloba não só o grupo de termos dicionarizados, mas também as conexões semânticas entre eles, como as relações entre sinônimos e antônimos, por exemplo. O léxico é dotado de dinamismo e está em frequente metamorfose, uma vez que reflete as movimentações culturais e sociais, que, conseqüentemente, interferem nos usos linguísticos. No entendimento de Antunes (2012, p. 27),

O léxico de uma língua, numa definição mais geral, pode ser visto como o amplo repertório de palavras de uma língua, ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação. Ao lado da gramática, mais especificamente junto à morfossintaxe e à fonologia, o léxico constitui o outro grande componente da língua. Se é verdade que não existe língua sem gramática, mais verdade ainda é que sem léxico não há língua.

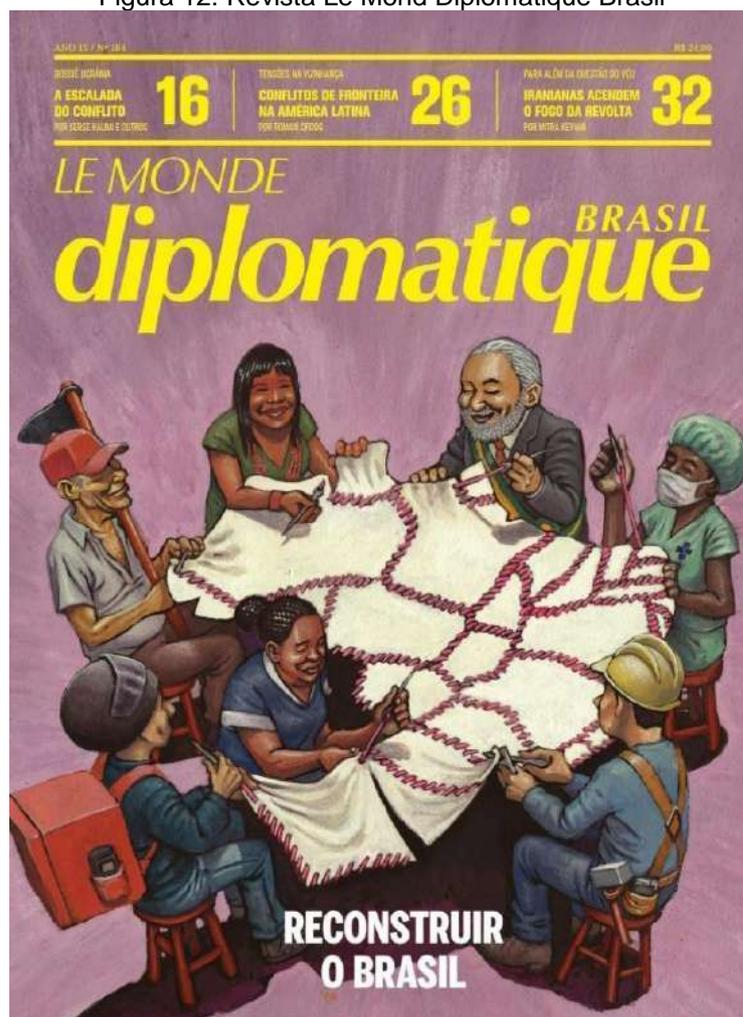
Tendo em vista que “as palavras são a matéria-prima com que construímos nossas ações de linguagem” (ANTUNES, 2012, p. 27), é imprescindível compreender a importância do estudo do léxico para as pesquisas que almejam entender de que maneira as palavras selecionadas por produtores de texto contribuem para a disseminação de ideologias hegemônicas, pois a “linguagem intermedeia nossa relação com o mundo”.

Assim sendo, as eleições lexicais carregam significados que sinalizam a intencionalidade dos produtores textuais, transmitindo suas crenças e valores, revelando como certos discursos são naturalizados e sustentados, afeiçoando concepções e induzindo opiniões e comportamentos. Em consequência, voltar o olhar para o estudo do léxico é importante para o desvelamento das estratégias que alicerçam e reforçam a hegemonia dos grupos dominantes, bem como para confrontá-las e mover mudanças sociais por meio dos discursos.

No entendimento de Marcuschi (2004, p. 270), o léxico é “o nível da realização linguística tido como o mais instável, irregular e até certo ponto incontrolável”. Essa ideia parte do fato de estar ele em constante movimento de mudança, que resulta das dinâmicas sociais, culturais e tecnológicas de quaisquer civilizações, pois muitas palavras caem em desuso ao passo que outras surgem e se incorporam à realidade linguística das comunidades de falantes. Esse fenômeno, inclusive, tornou-se ainda mais latente com a ampliação dos recursos tecnológicos, que interferem sobremaneira nas performances linguísticas.

Agora, a partir das discussões realizadas neste capítulo, apresentamos uma análise da capa da edição 184 da revista *Le Monde Diplomatique Brasil*.

Figura 12: Revista Le Mond Diplomatique Brasil



Fonte: Revista Le Monde Diplomatique (ed. 184)

A revista Le Monde Diplomatique foi criada em 1954, na França. Cinquenta e três anos depois, em 2007, ela chegou ao Brasil, de forma impressa, ampliando o alcance das suas ideias e aproximando-se de outros públicos leitores. Em uma autodescrição disponível em seu site, ela se classifica como pluralista, apartidária e democrática, buscando preencher uma lacuna que não foi, até hoje, satisfeita pelo jornalismo brasileiro.

A capa aqui analisada é a da edição de nº 184, de novembro de 2022. Ela traz como título “Reconstruir o Brasil” e foi lançada após Luiz Inácio Lula da Silva ter sido eleito presidente da República do Brasil pela terceira vez, com aproximadamente 60,3 milhões de votos. Essa edição, atendendo aos elementos composicionais próprios desse gênero textual, faz uso de recursos multimodais para apresentar aos leitores a temática discutida no interior da revista. Entendendo os gêneros textuais como indissociáveis do contexto ao qual estão inseridos, pode-se, aqui, realizar uma análise

dos elementos, tanto verbais quanto não verbais, que contribuem para a compreensão das informações implícitas apresentadas por essa capa de revista.

Essa diversidade de modos de utilização da linguagem envolve as cores, em que, ao fundo, o lilás predomina como base para o amarelo do nome da revista e das manchetes localizadas na parte superior, além do branco que preenche o título dessa edição e a simbolização do Brasil; as ilustrações de atores sociais que representam alguns grupos sociais pouco valorizados na sociedade brasileira e Lula, recém-eleito presidente deste país; além das palavras selecionadas para reproduzir as ideias da revista.

Do ponto de vista das práticas sociais que envolvem o contexto de produção, durante os últimos quatro anos, o Brasil passou por um enorme retrocesso em vários setores da sociedade. O que antes era considerado desumano, segregador e preconceituoso passou a ser naturalizado através dos discursos proferidos pelo então presidente Jair Bolsonaro, alicerçado por uma parcela da mídia que investia em seu projeto político, reforçando práticas hegemônicas de manutenção do poder da extrema direita brasileira.

Os discursos bolsonaristas, dentre outras coisas, defendiam a perda de direitos da classe trabalhadora, o desmonte da educação pública, a desumanização de indígenas, a precarização do trabalho de grupos historicamente subalternizados e a naturalização de preconceitos, como o racismo, a homofobia, o machismo e a xenofobia, por exemplo, na tentativa de manter as regalias de grupos privilegiados que, estruturalmente, detêm o poder na sociedade brasileira.

Ao pensar sobre como determinados grupos sociais lutam pela manutenção de seus privilégios por meio do discurso, Fairclough (2001, p. 122) considera que “hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade”. Nessa luta por vantagens, o agora ex-presidente Jair Bolsonaro promoveu involução dos direitos trabalhistas, conquistados por meio de históricas lutas, priorizando os grandes empresários em detrimento da classe trabalhadora.

Além disso, os povos indígenas também foram fortemente lesados. Terras, como as dos povos Yanomamis, foram devastadas por garimpeiros e madeireiros, que, acobertados pelo discurso e pela ação do ex-presidente, levaram centenas de índios à morte. Foi durante esse governo, inclusive, que a Fundação Nacional dos

Povos Indígenas (FUNAI) foi depreciada para dar lugar à exploração irregular de minérios e madeira.

O Sistema Único de Saúde (SUS) também sofreu grande desmonte durante os anos 2019 e 2022. Foi nesse período, em meio a uma pandemia que se fortaleceu em 2020, que profissionais do SUS tiveram que lidar com a ausência de apoio do governo federal. Fazendo uso de discursos negacionistas, o agora acusado de genocídio pela Justiça brasileira, desvitalizou a importância das instituições públicas de Saúde e descredibilizou cientistas.

A partir desse contexto, observando a capa da edição nº 184 da *Le Mond Diplomatique*, atentemos para a disposição dos atores sociais representados: Luiz Inácio Lula da Silva, uma mulher indígena, uma profissional da Saúde, um trabalhador rural, um operário – possivelmente da construção civil -, uma empregada doméstica e um entregador de alimentos. A constatação acerca da profissão e da origem desses atores justifica-se pelas vestimentas e acessórios que estão utilizando, além dos traços faciais e do contexto de produção das imagens.

Ainda analisando as pessoas reproduzidas, é possível reparar que a maioria deles é negra, dos quais a mulher indígena, a profissional da Saúde e a empregada doméstica apresentam peles em tons mais escuros. Quanto à posição delas na imagem, vê-se que estão ao redor do mapa, não havendo posicionamento hierárquico entre elas, reforçando a ideia de trabalho em conjunto, democrático, numa união de forças para recosturar o Brasil com entusiasmo e alegria diante da possibilidade de mudanças, o que pode ser observado nas expressões faciais da indígena e do presidente Lula, que posto de frente, é retratado como aquele que vai conduzir o grupo às reconquistas necessárias.

A organização dos atores sociais nessa capa trata-se de uma representação narrativa que se dá por meio de um processo acional do tipo transacional, visto que é possível, ao observar as imagens, identificar qual ação está sendo praticada (a costura do mapa do Brasil), bem como os seus executores (Luiz Inácio Lula da Silva e a classe trabalhadora).

Ademais, nenhum dos atores está com o olhar voltado para a direção dos leitores, havendo, por parte destes, uma postura unicamente de observadores, uma vez que não participam da ação praticada na imagem. Inclusive, percebe-se que o plano de enquadramento é bastante aberto, o que estabelece uma relação de menor

grau de intimidade entre os participantes da imagem e os consumidores desse texto visual.

Na dimensão do texto verbal, por sua vez, o que nos chama a atenção para esta análise é a oração “Reconstruir o Brasil”, na parte inferior da capa, em cor branca, convergindo com a tonalidade do mapa. O verbo “reconstruir” pode significar “construir de novo”, “edificar novamente”, dentre outros significados que se pode identificar em dicionários da Língua Portuguesa. O fato é que uma reconstrução é necessária sempre que se está diante de uma situação de má conservação em decorrência de uso inadequado, como, por exemplo, quando uma casa não é bem cuidada e não são feitas as manutenções pertinentes. Assim, rachaduras vão surgindo, cupins começam a destruir as madeiras que sustentam o telhado e infiltrações começam a destruir o piso. Quando isso acontece e outras deteriorações se agravam excessivamente, não basta fazer pequenos reparos, restando a imprescindibilidade da reconstrução do imóvel.

Outro verbo poderia ter sido selecionado no momento da produção dessa capa, afinal o repertório linguístico da Língua Portuguesa é bastante vasto. No entanto, o contexto deste país na data da publicação da edição nº 184 da Revista Le Monde Diplomatique Brasil, após menos de um mês da vitória de Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições presidenciais, após quatro anos de deteriorações excessivas em diversos setores da sociedade brasileira, de fato era de reconstrução.

Essa reconstrução passa por diversos segmentos sociais, mas destacamos aqui a pauta ambiental, tão negligenciada e massacrada, representada pela mulher indígena ao lado do novo presidente; da profissional da Saúde vestindo o uniforme do SUS, uma das áreas mais afetadas diretamente por Jair Messias Bolsonaro através do seu negacionismo durante a pandemia da Covid-19, descredibilizando os efeitos benéficos das vacinas, repudiando o isolamento social e tripudiando sobre o trabalho e de milhares de profissionais que, em meio ao caos causado pelo coronavírus, precisaram lutar não apenas contra esse vírus moral, mas também contra a força ideológica de um presidente da república.

CAPÍTULO V

O GÊNERO CAPA DE REVISTA

Os gêneros textuais fazem parte das dinâmicas comunicativas de quaisquer sociedades, integrando cotidianamente, em vários domínios, as práticas sociais. Desde as situações mais simples até as mais complexas, eles ocupam um lugar de essencialidade na produção, distribuição e o consumo de textos.

A partir da concepção bakhtiniana, os gêneros de texto podem ser compreendidos como formas relativamente estáveis de enunciados existentes em diversas situações em que se efetiva a comunicação, apresentando elementos composicionais adequados a cada uma delas. Além disso, cada um deles diferencia-se pelo seu conteúdo temático e o seu estilo, que, respectivamente, dizem respeito ao tema aguardado e ao tipo de relação entre o seu produtor e o seu receptor.

No entanto, essa relativa estabilidade deve-se ao fato de que se entende que os gêneros sofrem alterações em sua composição, mas isso não faz com que eles deixem de ser o que são. Por exemplo, pensemos em uma carta pessoal: uma das características desse gênero é que, ao final, se faça presente a assinatura do/a seu/a remetente. Porém há episódios em que ela não é registrada, é o caso das cartas anônimas, que, mesmo sem assinatura, permanecem sendo o gênero carta.

Elias e Koch (2003) defendem que os seres humanos, ao longo da sua trajetória de vida, conhecem gêneros de diversas esferas, com suas características e funções, o que elas chamam de “competência metagenérica”.

É essa competência que nos propicia a escolha adequada do que produzir textualmente nas situações comunicativas de que participamos. Por isso, não contamos piada em velório, nem cantamos hino do nosso time de futebol em uma conferência acadêmica, nem fazemos preleções em mesa de bar (p.54).

Dessa maneira, os escritores/falantes imersos em uma interação linguística conseguem identificar quais são os gêneros textuais que estão fazendo parte da situação, é o caso de um poema, uma receita, um manual de instruções, uma aula etc. Assim, o convívio com as cotidianas produções textuais faz com que sejamos capazes, também, de selecionar aqueles que se mostrarem adequados, sendo levados em consideração, ademais, a intencionalidade, os participantes e o contexto.

Sendo assim, entendendo que as interações linguísticas se dão por meio de textos e estes, por sua vez, materializam-se através dos gêneros, não é possível

conceber a comunicação senão por entre essas práticas socialmente produzidas para atender às demandas que emergem em todos os setores da sociedade.

4.1 O gênero capa de revista

A capa de revista é um gênero textual que faz parte, em sua essência, do domínio discursivo jornalístico. Sobre a concepção de domínio, vale a pena reforçar o esclarecimento feito por Bezerra (2022, p. 33) quando afirma que

Os domínios discursivos não se confundem com textos nem com gêneros, nem mesmo com discursos, porém, em cada domínio discursivo se constitui e circula predominantemente um discurso específico. Por exemplo, ao domínio discursivo religioso, por sua vez, corresponde um número indeterminado de gêneros textuais/discursivos/comunicativos/da linguagem religiosos.

Fazendo uso de recursos verbais e visuais, com um planejamento estratégico cuja finalidade é atrair a atenção do público para que ele se torne leitor da revista, frequentemente, esse gênero apresenta a combinação de aparatos semióticos diversos para a transmissão das informações prévias da publicação, com manchetes impactantes, auxiliadas por ferramentas não verbais. Ademais, é comum a presença de uma construção textual empenhada em persuadir o público leitor, não raramente lançando mão de um tom sensacionalista.

Além de ser muito útil para a captação de consumidores da edição, a capa de revista, muitas vezes, é um fim em si mesma. Essa afirmação decorre do fato de que muitas pessoas se limitam à sua leitura, sem adentrarem ao conteúdo da publicação. Assim ela pode influenciar fortemente a opinião do público, norteando interpretações e moldando posicionamentos acerca de temas relevantes para a sociedade.

Sobre isso, Nilton Hernandes (2023, p. 18) destaca que “um autor leva em consideração as expectativas e as prováveis reações de quem vai receber o texto para construir um discurso com a eficiência desejada”. Essa atenção voltada à produção discursiva é fortemente presente na idealização de uma capa de revista, tendo em vista ser ela uma importante ferramenta de formação de opiniões.

Charaudeau (2019, p. 42) defende que “Nenhuma informação pode pretender, por definição, à transparência, à neutralidade ou à factualidade. Sendo um ato de transação, depende do tipo de alvo que o informador escolhe [...]”. Essa assertiva converge com a concepção de que toda prática informativa é repleta de intencionalidades e motivações subjetivas. Nesse viés, a seleção do que será

informado e da maneira como essa informação será produzida envolve perspectivas particulares do veículo de comunicação utilizado para o seu compartilhamento, com suas crenças e seus valores ideológicos.

Mesmo tratando-se de fatos, ou seja, de situações reais, a forma como se dará a transmissão do acontecimento pode interferir nas inferências feitas pelo público. Então a confiança na existência de uma absoluta transparência esbarra nas porções de subjetividade inerentes à capa de revista, e entender que as publicações são guiadas por seleções conscientes e contextos específicos auxilia no reconhecimento do alto grau de complexidade desse gênero textual.

Berkenkotter e Huckin (1993, p. 479 *apud* BAWARSHI, 2013, p. 104) refletem que “os gêneros são formas retóricas dinâmicas que se desenvolvem a partir de respostas a situações recorrentes e servem para estabilizar a experiência e conferir-lhe coerência e sentido”. A capa de revista é um gênero de texto que sofreu modificações no processo de modernização social e que precisou se adequar às novas situações impostas por esse novo cenário.

Nos últimos anos, porém, com a ampliação do alcance da internet e as metamorfoses oriundas dessa nova configuração social, as revistas passaram por uma forte transição, sendo, agora, veiculadas sobretudo em formato digital. Essa mudança afetou significativamente a maneira como as suas capas vieram a ser produzidas, distribuídas e consumidas.

Essa ampliação do alcance deve-se, dentre outras causas, a redes sociais como o Instagram em que constam, por exemplo, os perfis das revistas Veja, com mais de vinte mil seguidores; Istoé, com mais de quatorze mil seguidores; e Le Monde Diplomatique Brasil, com mais de quatro mil seguidores. É através desses perfis que essas e outras publicações lançam para o público as capas de cada edição produzida.

Figura 13: Perfil da Revista Veja



Fonte: [VEJA \(@vejanoinsta\) • fotos e vídeos do Instagram](#)

Figura 14: Perfil da Revista Istoé



Fonte: [ISTOÉ \(@revistaistoe\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)

Figura 15: Perfil da Revista Le Monde Diplomatique Brasil



Fonte: [Le Monde Diplomatique Brasil \(@diplomatiquebrasil\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)

O fato de essas revistas acumularem milhares e até, no caso da Veja e da Istoé, milhões de seguidores é um indicativo de como as redes sociais impulsionam a expansão do alcance dessas publicações para seus leitores. Outro recurso proporcionado é a possibilidade de maior interação das pessoas com esses editoriais, por meio dos comentários, tanto positivos quanto negativos, que são registrados instantaneamente a partir das divulgações de cada capa, o que permite uma avaliação constante sobre os efeitos produzidos por cada uma delas.

4.2 A capa de revista a partir dos Estudos Retóricos de Gênero

O estudo dos gêneros textuais tem conquistado bastante espaço no campo das pesquisas linguísticas e atraído considerável atenção de quem se dedica a refletir sobre a linguagem para além da estrutura da língua. Nesse sentido, faz-se necessário entender que, como afirma Bezerra (2022, p. 43 – 44),

A análise de gêneros necessariamente precisa incluir vários outros aspectos além dos que se manifestam na superfície textual. Forma composicional, conteúdo temático e estilo não vão muito além do produto textual. No dizer de Bhatia (1999), também é necessário considerar os participantes (ou as comunidades discursivas), os processos (ou as situações sociais, aspectos contextuais) os propósitos comunicativos (o que é possível fazer, que fim é possível alcançar, por meio de determinado gênero) e as intenções particulares subjacentes ao discurso de indivíduos e instituições, manifestadas pelo gênero.

Neste trabalho, os gêneros são compreendidos a partir da concepção dos Estudos Retóricos de Gênero (ERG), que os consideram inseparáveis das práticas sociais, das dinâmicas entre os indivíduos e as instituições, assim como as relações de poder envolvidas. Reiff e Bawarshi (2013, p. 81) afirmam que “ERG tendem a compreendê-los como conceitos sociológicos que medeiam modos textuais e sociais de conhecer, estar e interagir em contextos determinados”. Essa corrente de estudos, portanto, investiga o modo como os gêneros textuais utilizam estratégias de produção de discursos com o intuito de alcançar seus objetivos.

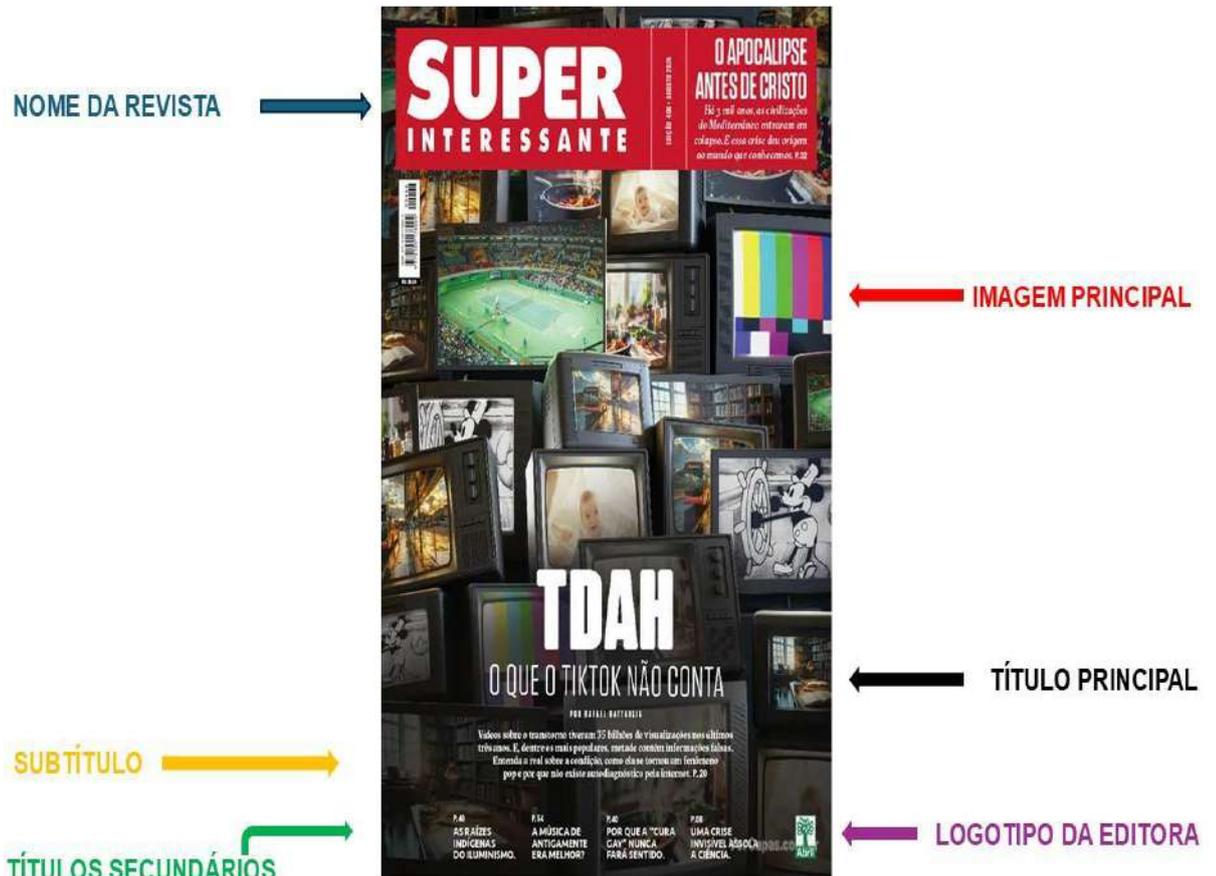
Esses estudos analisam como a retórica é empregada a partir dos diversos contextos que envolvem as práticas sociais. No tocante às capas de revista, são examinados como seus elementos constitutivos, imagens, *layout* e título principal escolhidos, são criados na tentativa de gerar um efeito persuasivo que promova o alcance dos objetivos projetados.

Além disso, interessa também, como essas escolhas são induzidas pelo público-alvo, pelos propósitos comerciais, políticos e econômicos que regem cada edição. Destarte, os ERG oferecem uma visão compreensiva mais profunda acerca da construção dessas produções textuais que são pensadas para, dentre outras coisas, informar, entreter e influenciar seus consumidores.

As pesquisas que partem dos ERG permitem, pois, que os gêneros sejam investigados amplamente, considerando todas as suas manifestações em práticas discursivas e sociais, dando real importância à contribuição do contexto para a sua produção. Essas manifestações incluem os propósitos de quem os produz, as

ideologias que são transmitidas por meio dos textos que os compõem, as manutenções de poderes hegemônicos que são planejadas por meio de recursos, muitas vezes manipuladores, e a relação do próprio gênero como o meio em que ele circula.

Figura 16: Elementos composicionais



Fonte da capa de revista: amazon.com.br/Revista-Superinteressante-ed-466-08-2024-ebook/dp/B0DDC7F7LW

No esquema construído acima, a partir da capa da revista Super Interessante, destacamos os seus elementos composicionais. Todos eles são importantes para a constituição desse gênero, pois cada um tem sua finalidade na construção das informações veiculadas e na formação da opinião dos/as leitores/as.

CAPÍTULO VI

DA PESQUISA À AÇÃO: MOTIVAÇÕES E EXECUÇÃO

Esta pesquisa-ação, como propõe o PROFLETRAS, gerou uma intervenção pedagógica que se deu em forma de uma sequência didática nascida de um projeto de letramento crítico, desenvolvido em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Jaime Gonçalves Bold, vinculada à rede de ensino do Município do Paulista, Pernambuco.

Localizada no bairro Vila Torres Galvão, essa escola é classificada pela Secretaria de Educação como uma unidade de ensino de alta complexidade, pois oferta à população paulistense todos os segmentos de ensino: Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Anos Finais do Ensino Fundamental e Educação para Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), ficando excetuado o Ensino Médio por ser de competência estadual.

A supracitada instituição de ensino conta com uma média de trinta estudantes por turma, todos/as moradores/as dos bairros circunvizinhos. Quanto à sua estrutura, ela conta com nove salas de aula, uma sala de recursos para alunos/as com necessidades específicas de aprendizagem, uma biblioteca, uma cozinha, quatro banheiros – sendo dois para o corpo discente e dois para o corpo docente e demais funcionários -, uma secretaria, uma sala da gestão escolar, uma sala de orientação educacional e um almoxarifado.

O espaço onde foram realizadas todas as etapas da sequência didática foi a sala de aula onde o 9º ano vivencia as atividades escolares. Quanto ao horário, todos os encontros ocorreram no turno da tarde, a partir das 13h, período de início das atividades pedagógicas vespertinas. Sendo assim, os/as participantes não precisaram se deslocar de suas casas em outro horário senão o habitual para as suas práticas escolares.

6.1 Plano de trabalho: das motivações para o planejamento

Antunes (2003), em uma das suas importantes reflexões sobre o trabalho com a linguagem, defende que é preciso levar em consideração que ela só funciona com o propósito de os seres humanos interagirem na sociedade. Partindo dessa ideia, a

língua não deve ser compreendida somente como um sistema de signos, mas como um mecanismo fundamental para o exercício das interações entre seus/as falantes.

A partir disso, defendemos que o trabalho pedagógico com a linguagem deve proporcionar aos/às aprendizes reflexões profundas acerca das suas possibilidades de uso, o que implica um ensino pautado no desenvolvimento da criticidade diante de produções linguísticas circulantes nos diversos âmbitos sociais.

Neste trabalho, quando falamos de linguagem, estamos englobando, também, a língua. E, esteando-se no interacionismo linguístico, concordamos com Antunes (2014, p. 23) quando ela afirma que

Uma língua, qualquer língua do mundo, é um conjunto de recursos vocais (ou de recursos gestuais, como no caso das línguas de sinais) de que as pessoas dispõem para realizar seus objetivos sociocomunicativos em situações de interação umas com as outras.

Não há uma única maneira de utilização da linguagem, mas em cada tipo de texto, em cada gênero textual e em cada situação comunicativa, há formas específicas em que ela pode se apresentar. Em cada contexto, tanto os elementos verbais quanto os não verbais passam por adaptações, manifestando-se de formas distintas para atender às demandas de comunicação dos/as seus/as usuários/as.

A ideia de realizar um projeto de letramento crítico surgiu a partir de duas constatações importantes. A primeira é que os/as alunos/as do 9º ano da Escola Jaime Gonçalves Bold apresentavam grande dificuldade na análise de textos materializados em gêneros multimodais, não conseguindo realizar inferências a partir da articulação de mais de uma semiose.

A segunda dificuldade constatada refere-se à interpretação de informações implícitas presentes em textos, em especial os que circulam na esfera jornalística. Essas produções costumam fazer uso de artifícios que tornam as informações opacas, veladas, como a ambiguidade e outros meios que podem levar à manipulação, obscurecendo a intencionalidade de seus/as autores/as.

Essas conclusões foram atingidas através das avaliações internas, como atividades realizadas durante as aulas de Língua Portuguesa, e externas, como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e o Sistema de Avaliação Educacional de Pernambuco. Esses instrumentos avaliativos organizados, respectivamente, pelo Ministério da Educação (MEC) e pela Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco (SEE-PE) são utilizados como parâmetros para avaliar as

condições de aprendizagem com as quais os/as estudantes concluem os ensinamentos Fundamental e Médio.

Para efeito de análise, nesta pesquisa, levamos em consideração os resultados obtidos no SAEPE de 2023, que socializamos abaixo com o percentual de acertos por habilidade (ou descritor, nomenclatura adotada na matriz de referência desse sistema avaliativo).

Figura 17: Percentual de acertos



Fonte: Secretaria de Educação do município do Paulista, Pernambuco

Esse resultado foi divulgado pela Secretaria de Educação da cidade do Paulista, localizada na Região Metropolitana do Recife, Pernambuco. A fonte dessas informações está disponível na plataforma do Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (CAEd), cujo acesso é limitado aos membros da Secretaria de Educação desse município. Na ocasião, o casal de formadores de Linguagem alertou para um descritor que, há anos, têm se apresentado com os mais baixos percentuais de acertos pelos/as estudantes que concluem o 9º ano do Ensino Fundamental nesse município.

É o caso do D10, que corresponde à habilidade de distinguir um fato de opinião relativa a ele. Esse resultado é preocupante porque saber fazer essa distinção é essencial para o desenvolvimento da criticidade na leitura de textos informativos. Essa mesma fragilidade foi identificada também na turma do 9º ano de 2024 e acendeu um alerta para a urgência de um trabalho voltado para o fortalecimento desse conhecimento.

Foi por essa razão que decidimos realizar uma intervenção pedagógica com essa turma para tentar sanar esse déficit de aprendizagem. Para isso, foi selecionado o gênero textual capa de revista, pois, além de ser essencialmente multimodal, também apresenta informações repletas de fatos e opiniões, sendo essas frequentemente construídas de maneira opaca, com a sua clareza, muitas vezes, propositalmente ofuscada.

No contexto educacional, esse gênero é um excelente recurso para o desenvolvimento do letramento crítico de estudantes da educação básica. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento norteador de âmbito nacional, recomenda o trabalho com textos multissemióticos ou multimodais. Essa recomendação se justifica pela urgência do desenvolvimento da habilidade de leitura, criticidade e reflexão para além dos textos verbais, como explicita a habilidade nº 7 da BNCC: “Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias”.

Ademais, o currículo da cidade do Paulista também aponta para a mesma direção, quando, na habilidade nº 04, destinada aos anos finais do Ensino Fundamental, afirma ser necessário “Distinguir, em textos multimodais, relações de reiteração, complementação ou oposição entre informações visuais ou verbo-visuais e informações escritas, buscando os efeitos de sentido”. Dado isso, foi planejada a sequência didática que explicitamos a seguir.

6.2 Sequência didática

A seguir, apresentamos o planejamento da sequência didática proposta. A sua organização se estrutura em um formato objetivo, com uso de tópicos, para tornar a compreensão mais clara. Todas as etapas sugerem um tempo de duração para a sua execução, os seus objetivos, a habilidade da BNCC relacionada e as orientações metodológicas para a sua realização.

Etapa 01 – Conhecendo o gênero capa de revista

Tempo de duração: 01h40

Objetivos:

- Conhecer as características do gênero capa de revista;
- Refletir acerca da função social desse gênero;
- Compreender a capa como um convite para a leitura do conteúdo da revista.

Habilidade da BNCC relacionada a esta etapa:

(EF69LP16) Analisar e utilizar as formas de composição dos gêneros jornalísticos da ordem do relatar, tais como notícias (pirâmide invertida no impresso X blocos noticiosos hipertextuais e hipermidiáticos no digital, que também pode contar com imagens de vários tipos, vídeos, gravações de áudio etc.), da ordem do argumentar, tais como artigos de opinião e editorial (contextualização, defesa de tese/opinião e uso de argumentos) e das entrevistas: apresentação e contextualização do entrevistado e do tema, estrutura pergunta e resposta etc.

Exposição dialogada – Introdução:

Tempo de duração: 50 minutos

Neste momento, dedicado à introdução do tema, foram apresentadas aos/às estudantes quatro capas de revista de temas variados. Essa apresentação foi feita de forma digital, por meio de um projetor (*datashow*), e as capas socializadas podem ser observadas no capítulo 7, que trata da descrição de todas as etapas desta sequência didática e da análise dos dados coletados.

À medida que as capas foram exibidas, a turma foi questionada sobre o que todas elas teriam em comum e quais seriam as peculiaridades de cada uma delas. A intenção foi instigar os/as alunos/as para que observassem todos os detalhes composicionais desse gênero textual.

Exposição dialogada – Aprofundamento:**Tempo de duração:** 50 minutos

Em seguida, foram indicados os elementos composicionais desse gênero, como título, subtítulo, logotipos, manchetes, data da publicação, imagens etc. Houve, nesse sentido, uma exposição dialogada sobre a essencialidade desses elementos para a composição das capas de revista, uma vez que cada um deles possui uma função importante na sua criação.

Isso se dá porque, quando bem elaboradas, as capas estimulam a venda das revistas e fornecem uma prévia das publicações que integram a edição. Outrossim, elas exercem uma tarefa significativa na formação da opinião dos/as leitores/as, pois refletem as ideologias dos editoriais que as produzem, influenciando inferências e, conseqüentemente, as suas atitudes.

E para que isso aconteça, elas precisam ter títulos criativos, imagens bem construídas, chamadas que agucem a curiosidade, o uso planejado de cores que, atreladas às imagens, estabeleçam conexão com os elementos verbais de sua composição, além da fonte das letras. Todos esses elementos, em conjunto, são essenciais para a produção de uma boa capa.

Etapa 02 – A multimodalidade do gênero capa de revista

Tempo de duração: 02h**Objetivo:**

- Analisar a diversidade de semioses do gênero capa de revista.

Recursos pedagógicos:

- Cartolina branca;
- Hidrocor;
- Lápis de cor;
- Giz de cera.

Habilidade da BNCC relacionada a esta etapa:

(EF67LP08) Identificar os efeitos de sentido devidos à escolha de imagens estáticas, sequenciação ou sobreposição de imagens, definição de figura/fundo, ângulo, profundidade e foco, cores/tonalidades, relação com o escrito (relações de reiteração, complementação ou oposição) etc. em notícias, reportagens, fotorreportagens, foto-denúncias, memes, *gifs*, anúncios publicitários e propagandas publicados em jornais, revistas, *sites* na internet etc.

Exposição dialogada

Tempo de duração: 50 minutos

Nesse momento, foi realizada uma exposição dialogada acerca das modalidades verbal e não verbal. Essa atividade foi feita a partir da explicação do conceito de linguagem verbal, que envolve o uso de palavras, tanto na modalidade oral quanto na escrita, e de linguagem não verbal, que faz uso de recursos visuais, como fotografias, símbolos, cores etc.

Atividade I – Mão na massa

Tempo de duração: 50 minutos

A turma foi organizada em pequenos grupos. A partir disso, cada equipe recebeu a missão de criar um cartaz informativo, cujo tema precisou ser definido em consenso entre os seus membros, com a articulação da linguagem verbal com a não verbal.

Atividade II – Socialização

Tempo de duração: 20 minutos

Nesta segunda atividade, os grupos socializam a sua produção, compartilhando com os/as colegas os cartazes produzidos. As apresentações foram mediadas por uma reflexão sobre como a articulação das modalidades verbal e não verbal contribuem para a transmissão das informações apresentadas em cada cartaz e a importância dos recursos visuais para a compreensão das mensagens transmitidas.

Etapa 03 – Reflexão sobre as escolhas lexicais nas capas de revista

Tempo de duração: 1h40

Objetivos:

- Identificar como as seleções lexicais podem atrair o leitor para o consumo do conteúdo da revista;
- Investigar de que maneira o léxico selecionado nas capas de revista colabora para a manipulação das interpretações de seus/as leitores/as.

Introdução - Exposição dialogada

Tempo de duração: 30 minutos

A esta altura, foi explicado que o léxico de uma língua é uma vasta coletânea de palavras que refletem a formação histórica, social e cultural de uma nação. No caso do Português do Brasil, esse repertório linguístico é formado por termos de origem múltipla, advindos de diversas outras localidades e sob influência de outros idiomas, como o latim, línguas indígenas africanas e europeias.

A evolução do léxico é marcada pela constante inovação e adaptação, resultante das mudanças culturais, tecnológicas e sociais. Assim, o léxico não apenas enriquece a expressão verbal, mas também oferece uma janela para a compreensão da identidade e da diversidade dos falantes da língua portuguesa.

Atividade – Analisando o léxico em capas de revista

Tempo de duração: 1h

Neste momento, cada estudante recebeu a ficha abaixo, de forma impressa. Foi, então, solicitado que eles respondessem às questões com base em todas as discussões realizadas ao longo das etapas anteriores.

Figura 18: Ficha de exercício

	ESCOLA MUNICIPAL JAIME GONÇALVES BOLD		
	Estudante: _____		
	Professor: _____	Série/Turma: _____	Data: ____/____/____

1) Observe atentamente as capas de revista abaixo e responda aos comandos a seguir.



Disponível em: [Dilma terá direito de resposta na revista IstoÉ por publicações ofensivas \(migalhas.com.br\)](http://Dilma%20ter%C3%A1%20direito%20de%20resposta%20na%20revista%20Isto%C3%89%20por%20publica%C3%A7%C3%B5es%20ofensivas%20(migalhas.com.br))

A) Analise com atenção a expressão “explosões nervosas”, contida no título principal, e responda: **ao ler essas palavras, quais possíveis imagens de Dilma Rousseff o leitor poderia inferir?**



A culpa é dele: Fora Bolsonaro – Classe trabalhadora sofre com o custo de vida no Brasil, mais caro a cada dia – SINPRO-DF (sinprodf.org.br)

Fonte: Acervo do pesquisador

Figura 19: Continuação da ficha de exercício

B) Observe todos os detalhes dessa capa da revista Le Mond Diplomatique Brasil. Comece pelos elementos não verbais e identifique cada objeto representado. Depois leia o título principal “A explosão do custo de vida”. Agora, levando em consideração todo o contexto de produção dessa capa, explique a relação dos elementos verbais com os recursos visuais apresentados.

C) Elabore outro título principal para essa capa, não esquecendo que ele precisa causar impacto e ter uma relação direta com os recursos não verbais.



-Capa da revista Veja Fonte: Revista Veja, edição 2565, de 17/01/2018 | Download Scientific Diagram (researchgate.net)

D) A partir da observação dos recursos visuais e das informações transmitidas por meio dos elementos verbais, crie um título principal para essa capa da revista Veja.

Fonte: Acervo do pesquisador

Após a realização da atividade proposta acima, promovemos uma exposição dialogada das respostas produzidas e refletimos sobre como as escolhas lexicais podem causar impacto de diferentes maneiras em capas de revista, realizando inferências a partir das palavras selecionadas pelos/as próprios/as alunos/as.

Etapa 04 – Produzindo capas de revista

Tempo de duração: 1h40

Objetivo:

- Incentivar o trabalho em equipe;
- Estimular a criatividade;
- Produzir capas de revista a partir dos conhecimentos construídos ao longo das etapas anteriores.

Metodologia

Nesta etapa da sequência didática, os/as educandos/as foram motivados a produzirem capas de revista. Porém, antes da produção, foi realizada uma revisão dos elementos composicionais desse gênero, como título, subtítulo, imagem principal e cores, sempre destacando a importância desses elementos para a atração da atenção do público.

Em seguida, organizados em grupos, os/as estudantes discutiram entre si e elegeram um tema central para a capa de revista a ser produzida. Foi um momento de muita interação e valorização dos saberes levados por cada um/a para a sala de aula, pois foi dada a orientação para que pensassem, preferencialmente, em assuntos relacionados à comunidade em que vivem ou que fossem de seu interesse.

Selecionada a temática, chegou a hora do planejamento dos aparatos verbais e visuais da capa. Foi nesse momento que foram escolhidos a imagem, o título principal, o subtítulo e, claro, o nome da revista. Todo esse trabalho foi cuidadosamente acompanhado pelo professor-facilitador, que, sem imposições, forneceu o suporte necessário.

Nesse sentido, chegamos ao período de produção, de fato, das capas de revista. Para isso, foram apresentados alguns aplicativos de celular ou *tablet* que permitem a criação desse tipo de gênero textual, como, por exemplo, o Canva, que é bastante conhecido, gratuito e de fácil execução.

Etapa 05 – Socialização e consolidação dos saberes construídos

Tempo de duração: 50 minutos

Objetivo:

- Consolidar os saberes construídos a partir da socialização das produções das capas de revista.

Alcançada a última etapa desta sequência didática, chegou o momento do compartilhamento das capas de revista criadas pelos/as estudantes. Vale salientar que esse momento foi de muita importância, não só para a pesquisa, mas também para o incentivo ao protagonismo dos/as educandos/as participantes. Sendo assim, a sala de aula foi organizada em formato de semicírculo, e cada equipe foi até o centro do espaço para apresentar, através de um *datashow* a sua produção, que apresentamos a seguir.

CAPÍTULO VII

DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DA APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Nesta fase da pesquisa, serão apresentados os resultados alcançados por meio da discussão do processo de vivência da proposta didática. Os dados foram coletados diante das estratégias planejadas e socializadas no plano de trabalho apresentado no capítulo anterior, executado por meio de uma sequência didática em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental.

7.1 Descrição da sequência didática

Essa sequência didática foi organizada em cinco etapas, e a **primeira** delas foi movida pelos seguintes objetivos: conhecer as características do gênero capa de revista; refletir acerca da função social desse gênero; e compreender a capa como um convite para a leitura do conteúdo da revista.

Na fase introdutória, foram apresentadas à turma quatro capas de revista de temas variados. Foram elas:

Figura 20: Política



Fonte: [Leitor | VEJA \(abril.com.br\)](http://Leitor | VEJA (abril.com.br))

Figura 21: Tecnologia



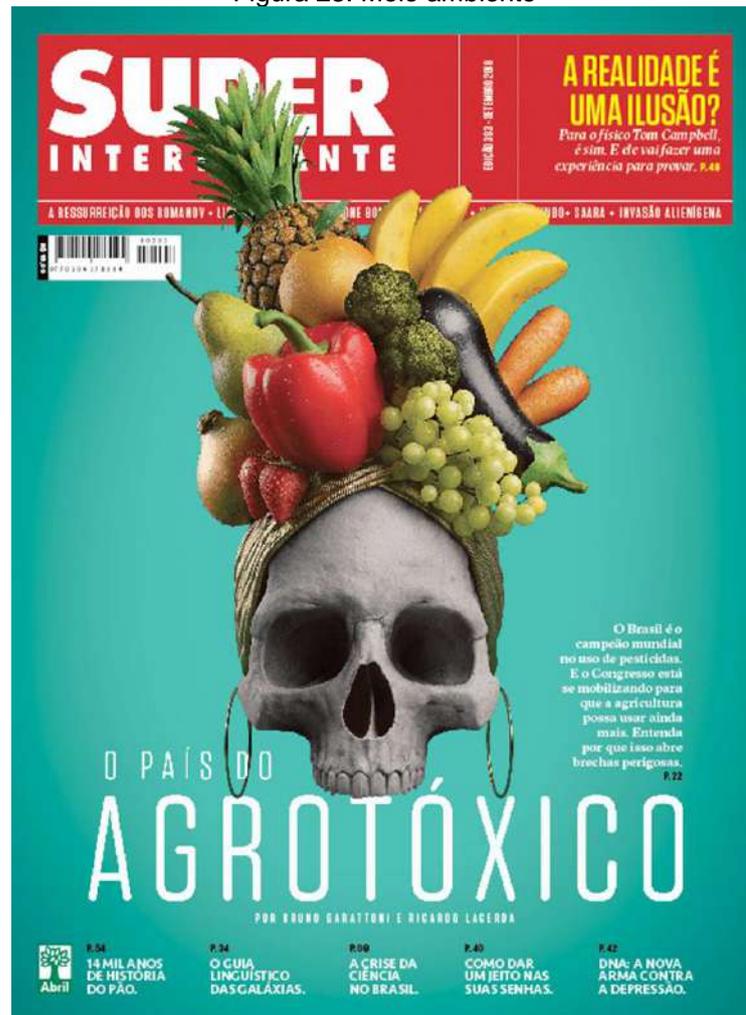
Fonte: [Capa Veja Sexta, 5 de Abril de 2024 \(vercapas.com.br\)](http://Capa Veja Sexta, 5 de Abril de 2024 (vercapas.com.br))

Figura 22: Curiosidades



Fonte: [Revista Recreio - 26/01/2024 eBook](https://www.amazon.com.br/Revista-Recreio-26-01-2024-eBook) : Grupo Perfil: Amazon.com.br: Loja Kindle

Figura 23: Meio ambiente



Fonte: [Edição 393 | Super \(abril.com.br\)](#)

Por meio de um *datashow*, essas capas foram socializadas com todos/as os/as estudantes e à medida que essa socialização foi feita, foram realizadas algumas perguntas no sentido de dar um direcionamento para a exposição dialogada planejada. Nesse diálogo, os/as alunos/as demonstraram ter pouco contato com esse gênero textual.

Quando a turma foi questionada sobre o que essas capas teriam em comum, nenhum/as dos/as participantes atentou para a multimodalidade presente nesses objetos de análise. Nesse caso, o grupo voltou a sua atenção apenas para os elementos verbais de cada exemplar, não conseguindo perceber que em todas elas havia a presença de mais de uma semiose.

Na fase do aprofundamento, os/as estudantes refletiram sobre a função social das capas de revista, que envolvem o ato de chamar a atenção do público para a leitura do conteúdo da edição, como uma espécie de vitrine. Valeu a pena explicar

que esse gênero possui uma função social super relevante no contexto da comunicação e do consumo de informações, pois ele é planejado para conquistar a atenção dos/as leitores/as. Para isso, faz uso de recursos variados, tanto verbais quanto visuais.

Em seguida, foram indicados os elementos composicionais desse gênero, como título, subtítulo, logotipos, manchetes, data da publicação, imagens etc. Houve, nesse sentido, uma exposição dialogada sobre a essencialidade desses elementos para a composição das capas de revista, uma vez que cada um deles possui uma função importante na sua criação. Isso se dá porque, quando bem elaboradas, as capas estimulam a venda das revistas e fornecem uma prévia das publicações que integram a edição.

Outrossim, elas exercem uma tarefa significativa na formação da opinião dos/as leitores/as, pois refletem as ideologias dos editoriais que as produzem, influenciando inferências e, conseqüentemente, as suas atitudes. E para que isso aconteça, elas precisam ter títulos criativos, imagens interessantes, chamadas que agucem a curiosidade, o uso planejado de cores que, atreladas às imagens, estabeleçam conexão com os elementos verbais de sua composição, além da fonte das letras. Todos esses elementos, em conjunto, são essenciais para a produção de uma boa capa.

A **segunda etapa** dessa intervenção pedagógica foi pensada com o objetivo de analisar a diversidade de semioses do gênero textual capa de revista. Dessa maneira, a atividade proposta foi planejada para motivar os/as educandos/as para a análise dos elementos visuais que compõem esse gênero. Para isso, foram providenciados alguns materiais (parte deles foi cedida pela escola e outra foi financiada com recursos do próprio pesquisador), como cartolina branca, hidrocor, lápis de cor e giz de cera.

Para iniciar essa etapa, foi realizada uma exposição dialogada sobre as múltiplas possibilidades de manifestação da linguagem. Essa atividade foi necessária porque a quase totalidade da turma não sabia que informações podem ser transmitidas por meio de semioses visuais, ou seja, muitos/as acreditavam que a linguagem humana se dava apenas por meio de palavras. Por isso, fez-se indispensável a execução de uma aula expositiva acerca da importância e das peculiaridades da linguagem verbal e da linguagem não verbal (ou visual). Foi esclarecido que, no caso das capas de revista, a linguagem verbal apresenta-se por

meio do nome da revista, dos títulos principal e secundários, dos subtítulos, e demais elementos compostos por expressões verbais, como nos exemplos abaixo.

Figura 24: Nome da revista



Fonte: [Edição Novembro 2022 - Le Monde Diplomatique](#)

Figura 25: Título principal



Fonte: [Edição Novembro 2022 - Le Monde Diplomatique](#)

Em seguida, foram apresentadas as semioses não verbais como partes essenciais para a composição das capas de revista, uma vez que esses elementos contribuem fortemente para a formação da opinião dos/as leitores desse gênero e para o convencimento desses para a leitura do conteúdo da edição. Para isso, foram socializados os recursos abaixo.

responsáveis por causar profundas repercussões nas percepções humanas, agindo direta ou indiretamente sobre os seus entendimentos diante de textos multimodais. Por exemplo, em nossa cultura, o vermelho é comumente associado à paixão, a alertas, mas também pode ser ligado a sentimentos negativos, como raiva. As cores são ferramentas muito utilizadas em várias áreas, como marketing, educação, design e a própria mídia. Portanto compreender a dinâmica dessa semiose é fundamental para a análise de textos multimodais, tornando o entendimento mais claro e possibilitando inferências mais profundas.

Passada essa fase de exposição dialogada, foi proposta para a turma uma atividade prática. Os/as participantes foram organizados em pequenos grupos, cuja formação foi de livre escolha dos/as estudantes, que se agrupam com base nas afinidades já construídas. A partir disso, cada equipe planejou e criou um cartaz informativo, cujo tema foi definido em consenso entre os seus membros. As duas únicas recomendações foram que esses cartazes deveriam ser informativos e compostos pela articulação da linguagem verbal com a não verbal.

Figura 28: Produção de cartazes informativos



Fonte: Acervo do pesquisador

Figura 29: Cartaz 1



Fonte: Acervo do pesquisador

Figura 30: Cartaz 2



Fonte: Acervo do pesquisador

Para facilitar a leitura, nesse segundo cartaz, o texto verbal diz o seguinte: “A crise causada pelas enchentes no Rio Grande do Sul chega ao 15º dia com a previsão de que mais chuvas agravem a tragédia vivida pelo estado. Até agora, morreram 147 pessoas, 127 ainda estão desaparecidas. As chuvas foram resultado de uma combinação de fatores, entre eles uma massa de ar quente sobre a área central do país que bloqueia a frente fria que está na região Sul causando chuvas intensas e contínuas”.

Nessas duas produções selecionadas, podemos observar que os/as estudantes conseguiram relacionar os elementos verbais com os visuais para desenvolver a temática dos cartazes. No primeiro cartaz, foi abordado o tema da desigualdade de gênero no Brasil, cujo efeito reflete na falta de equiparação de oportunidades e de remuneração entre homens e mulheres. Na segunda produção, os/as alunos/as abordaram as chuvas intensas no Rio Grande do Sul, que, combinadas a outros

fatores, culminaram em uma das maiores tragédias sofridas pelos brasileiros.

Em ambos os casos, as semioses visuais reforçaram a mensagem apresentada por meio da linguagem verbal, pois com o entrecruzamento de diferentes modalidades ampliaram a compreensão da temática dos cartazes e demonstraram o entendimento, por parte dos/as estudantes, de que a multimodalidade amplia as possibilidades de produção de inferências das informações apresentadas.

Na sequência, a **terceira etapa** trouxe importantes reflexões acerca das seleções lexicais mobilizadas na produção das capas de revista. Seus objetivos foram identificar como as seleções lexicais podem atrair o leitor para o consumo do conteúdo da revista e investigar de que maneira o léxico selecionado nas capas de revista colabora para a orientação das interpretações de seus/as leitores/as.

Essa etapa foi introduzida com uma exposição dialogada sobre o conceito de léxico e sua influência na formação histórica, social e cultural de um país. No caso do Português do Brasil, esse repertório linguístico é formado por termos de origem múltipla, advindos de diversas outras localidades e sob influência de outros idiomas, como o latim, línguas indígenas, africanas e europeias.

Nesse sentido, foi discutido com a turma que a evolução do léxico é marcada pela constante inovação e adaptação, resultante das mudanças culturais, tecnológicas e sociais. Assim, ele não apenas enriquece a expressão verbal, mas também oferece uma possibilidade para a compreensão da identidade e da diversidade dos falantes da língua portuguesa. Os itens do nosso vocabulário correspondem a diferentes classes morfológicas, como advérbios, adjetivos, entre outros, e refletir sobre a morfologia da língua e a sua relação de sentido com a produção de textos é de imensa importância para o desvelamento de discursos.

Por isso, foi realizada uma breve revisão das classes gramaticais, seus conceitos, suas funcionalidades e influências na produção de sentidos. Essa retomada de conteúdo foi necessária para a realização da atividade descrita a seguir, que atuou diretamente na produção de sentidos realizada pelas construções morfológicas, a partir das seleções lexicais, em capas de revista.

Para facilitar o trabalho pedagógico, os/as alunos/as foram organizados em pequenos grupos receberam uma ficha de exercício, de forma impressa, para responder às questões com base em todas as discussões realizadas ao longo das etapas anteriores.

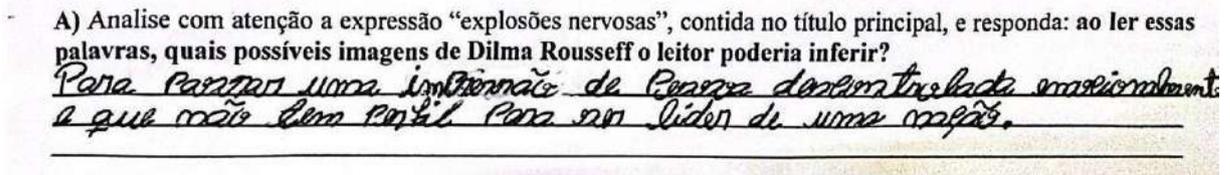
Na ocasião, foi possível formar três grupos, que produziram as seguintes

respostas:

Questão A

Grupo 01:

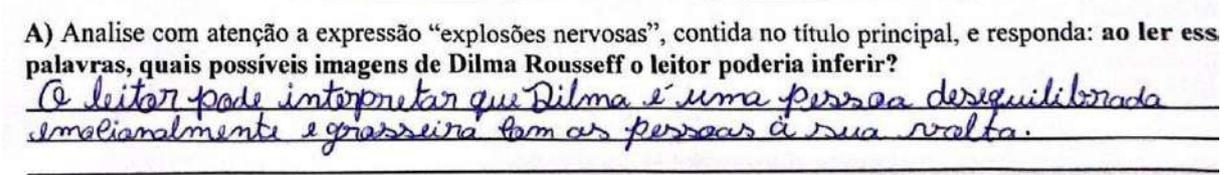
Figura 31: Resposta 1



Fonte: Acervo do pesquisador

Grupo 02

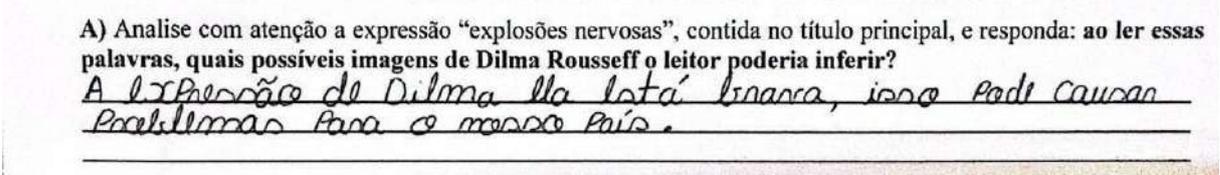
Figura 32: Resposta 2



Fonte: Acervo do pesquisador

Grupo 03

Figura 33: Resposta 3



Fonte: Acervo do pesquisador

A partir das palavras selecionadas para compor o título principal dessa capa de revista, conclui-se que as equipes conseguiram inferir as informações explícitas apresentadas e a intencionalidade do/a autor/a desse título. Vejamos: a palavra “**explosão**”, segundo o dicionário Michaelis, tem como um dos seus possíveis significados a “manifestação súbita e violenta de um sentimento moral, de uma paixão, de uma revolta; quanto ao verbete “nervosas”, apresentamos aqui o significado da palavra “nervosismo”, ofertado pelo mesmo dicionário, que diz “Estado de excitação geral; perturbação do sistema nervoso; ansiedade, nervosa, nervosia, nervoso”.

Sendo assim, as respostas produzidas indicam um domínio da habilidade de compreensão das informações explícitas e implícitas em textos verbais. Essa habilidade é fundamental para o entendimento eficaz de textos escritos e orais, de gêneros diversos, que circulam na sociedade. É a partir dela que se faz possível extrair sentidos e intencionalidades, identificando o que nem sempre é posto de forma cristalina e que, por isso, necessita de desvelamento.

Questão B

Grupo 01

Figura 34: Resposta 1

B) Observe todos os detalhes dessa capa da revista Le Mond Diplomatique Brasil. Comece pelos elementos não verbais e identifique cada objeto representado. Depois leia o título principal "A explosão do custo de vida". Agora, levando em consideração todo o contexto de produção dessa capa, explique a relação dos elementos verbais com os recursos visuais apresentados.

Os preços foram trocados por conta de inflação, carne, gasolina e gás foram botados em vitrines para causar um humor para aquele que a população está compreendendo. Faturamento - coisas que estão sendo vendidas.

Fonte: Acervo do pesquisador

Essa segunda questão solicitou a análise dos elementos verbais em encadeamento com os aparatos visuais da capa de revista. Para responder ao seu questionamento, a equipe 02 realizou as inferências necessárias para entender as informações implícitas transmitidas nessa edição. O uso da palavra "trocados" indica que os/as estudantes compreenderam que houve um aumento significativo de produtos essenciais, como carne, gasolina e gás de cozinha. Nesse caso, "preços foram trocados" sinalizam que a equipe inferiu que produtos essenciais estão sendo vendidos como objetos valiosos.

Outra atenção merece ser dada ao vocábulo "inflação". Ele sugere que os/as participantes realizaram a mobilização do seu conhecimento de mundo para fazer a análise. Conseguiram interligar o aumento significativo de itens básicos às movimentações inflacionárias da economia do país. Por fim, o uso da palavra "botados", para indicar que algo foi posicionado, reflete o uso de uma expressão

coloquial, presente nos usos linguísticos cotidianos.

Grupo 02

Figura 35: Resposta 2

B) Observe todos os detalhes dessa capa da revista Le Mond Diplomatique Brasil. Comece pelos elementos não verbais e identifique cada objeto representado. Depois leia o título principal “A explosão do custo de vida”. Agora, levando em consideração todo o contexto de produção dessa capa, explique a relação dos elementos verbais com os recursos visuais apresentados.

*Mostrar que o preço de produtos essenciais no Brasil estão
altos e muitas pessoas não têm acesso.*

Fonte: Acervo do pesquisador

Essa equipe, por sua vez, trouxe a palavra “acesso” para a sua análise. Essa seleção lexical aponta para reflexão sobre a desigualdade social no Brasil. Uma vez que o preço de produtos como carne, por exemplo, aumenta consideravelmente, uma grande parcela da população deste país deixa de ter acesso ao seu consumo, por limitações financeiras que envolvem, entre outros fatores, a má distribuição de renda entre os brasileiros.

Grupo 03

Figura 36: Resposta 3

- B) Observe todos os detalhes dessa capa da revista Le Mond Diplomatique Brasil. Comece pelos elementos não verbais e identifique cada objeto representado. Depois leia o título principal "A explosão do custo de vida". Agora, levando em consideração todo o contexto de produção dessa capa, explique a relação dos elementos verbais com os recursos visuais apresentados.

Os elementos verbais dizem que o custo de vida está caro e os elementos visuais mostram que coisas básicas como comida, gasolina e gás de cozinha estão com os mesmos preços de jóias caras.

Fonte: Acervo do pesquisador

O uso da oração "o custo de vida está caro" sugere uma insatisfação com a alta nos preços dos produtos apresentados na capa da revista, tornando-os inacessíveis para muitas pessoas. Esse aumento exacerbado dos preços equipara bens de necessidade básica a joias, que são tradicionalmente símbolos de luxo e riqueza, estando além do alcance de grande parte dos brasileiros. A inferência realizada, portanto, evidencia um contraste entre o que é elementar e o que é suntuoso, simbolizando a gravidade da situação.

Outra atividade proposta nessa mesma etapa foi uma análise de uma capa da revista Veja. Esse momento foi vivenciado oralmente a partir da distribuição desse material impresso, permanecendo a turma organizada em grupos. Segue abaixo a capa utilizada.

Figura 37: Revista Istoé

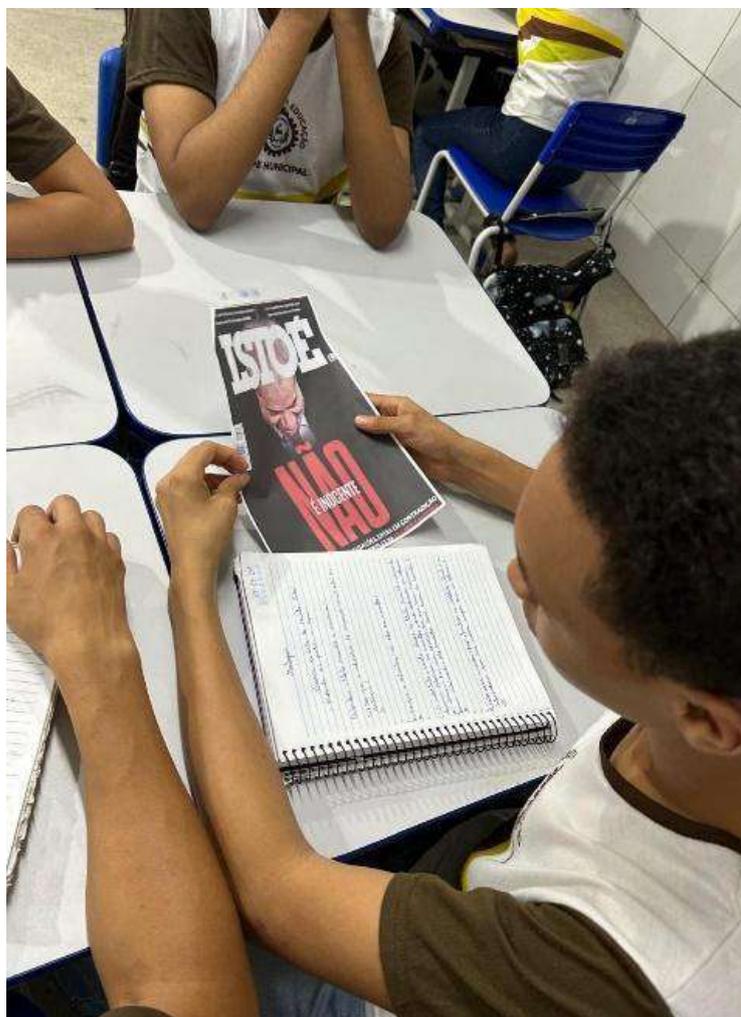


Disponível em: https://www.facebook.com/joicehasselmann/photos/isto%C3%A9-acertou-inocentes-n%C3%A3o-fogembela-capa-confira/1533777203361130/?locale=pt_BR

Após a livre observação de todas as semioses utilizadas na produção dessa capa, foi perguntado à turma que possível motivação teria levado a capa da revista a destacar o advérbio de negação “não”. Em conjunto, os/as estudantes responderam que o objetivo teria sido “dar destaque a não inocência de Lula logo na primeira observação da capa”.

Sobre o vermelho como cor de preenchimento dessa palavra, eles/as afirmaram que seria para fazer uma associação ao Partido dos Trabalhadores (PT): “Para chamar atenção e remeter ao partido da esquerda”. Acerca as palavras destacadas em vermelho no subtítulo, os/as alunos destacaram que o objetivo foi “Dar um tom de culpa assumida e covardia a Lula”

Figura 38: Estudantes realizando análise



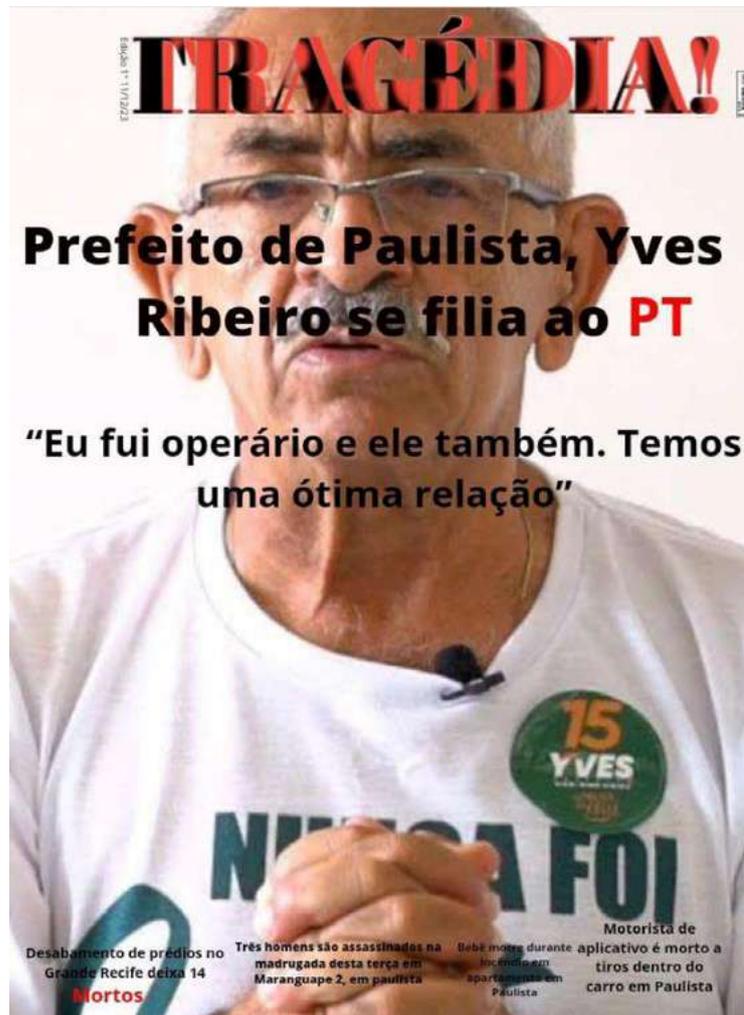
Fonte: Acervo do pesquisador

A **quarta etapa** da sequência didática foi planejada com os objetivos de incentivar o trabalho em equipe; estimular a criatividade; produzir capas de revista a partir dos conhecimentos construídos ao longo das etapas anteriores. Para isso, foram utilizados recursos tecnológicos como celulares e/ou *tablet's* e o aplicativo Canva, bastante utilizado pelos/as participantes da pesquisa.

Alcançada a **quinta última etapa** desta sequência didática, chegou o momento do compartilhamento das capas de revista criadas pelos/as estudantes. Vale salientar que esse momento foi de muita importância, não só para a pesquisa, mas também para o incentivo ao protagonismo dos/as educandos/as participantes. Sendo assim, a sala de aula foi organizada em formato de semicírculo, e cada equipe foi até o centro do espaço para apresentar, através de um *datashow* a sua produção, que

apresentamos a seguir.

Figura 39: Grupo 1



Fonte: Acervo do pesquisador

Figura 40: Grupo 2



Fonte: Acervo do pesquisador

Figura 41: Grupo 3



Fonte: Acervo do pesquisador

Figura 42: Grupo 4



Fonte: Acervo do pesquisador

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é essencial na formação dos indivíduos. É também através do ato de ler que se consegue entender com mais profundidade as manifestações linguísticas que circundam as relações sociais. Por isso, capacitar o ser humano para o exercício amplo da leitura é desenvolver nele importantes habilidades de conhecimento e reconhecimento do mundo, do próprio espaço e de si mesmo.

A concepção de leitura norteadora desta pesquisa entende a linguagem em sua amplitude de semioses, para além, muito além, do texto verbal. Nesse esteio, defende que trabalhar com o/a estudante a leitura multimodal, sobretudo na era digital, em que, cada vez mais, a comunicação entrelaça diferentes modos de estabelecimento da linguagem, em composições textuais mobilizadoras de composições linguísticas a cada dia mais amplas, é de fundamental relevância.

Levando em consideração o valor da leitura, foi planejada e aplicada a intervenção pedagógica descrita neste trabalho. Essa proposta deu-se por meio de uma sequência didática organizada em cinco etapas, que foi vivenciada em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública municipal do Paulista, Pernambuco, com o apoio da comunidade escolar.

As atividades aplicadas, tanto as dialogadas oralmente quanto as escritas, apresentaram resultados satisfatórios quanto à leitura de textos multimodais, indo além da decodificação das palavras para a análise das informações implícitas, que, propositalmente opacas, necessitaram de inferências profundas no processo de desvelamento dos discursos ingredientes das capas de revista estudadas. A produção das capas de revista valorizou o conhecimento prévio dos/as estudantes, os seus saberes em relação às dinâmicas sociais e suas habilidades voltadas ao uso de recursos tecnológicos.

Através dos frutos obtidos, foi concluído que o procedimento utilizado foi capaz de desenvolver nos/as educandos as habilidades almeçadas. Sendo assim, reafirma-se que o trabalho com textos multimodais, como, por exemplo, o gênero capa de revista, oportunizando aos/às estudantes a interação com diversas semioses, como fotografias, cores e palavras, amplia a sua capacidade de realizar análises críticas na produção de significados.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.

_____. Gramática contextualizada: limpando o “pó das ideias simples”. São Paulo: Parábola, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Martins Fontes: São Paulo, 1992.

BAWARSHI, Anis S.; REIFF, Mary Jo. Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino. São Paulo: Parábola, 2013.

BEZERRA, Benedito Gomes. **Gênero como ele é (e como não é)**. São Paulo: Parábola, 2022.

BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Ana Rachel (org). Gêneros textuais e ensino. São Paulo: Parábola, 2010.

Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, 2024. Disponível em: < [Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações \(BDTD\). \(ibict.br\)](https://bdtd.ibict.br/)>. Acesso em: 01/09/2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. **Texto e ensino**. Natal: SEDIS-UFRN, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2019.

COSTA, Ivandilson. **Análise do discurso da mídia**: a reestruturação promocional do texto jornalístico. 2016. Tese (Doutorado) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

DIONÍSIO, Angela Paiva. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECKZA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. Gêneros textuais: reflexões e ensino. 4. ed. São Paulo, 2011.

DONÍSIO, Angela Paiva. **Multimodalidades e leituras**: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais. Recife: Pipa Comunicação, 2014.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press., 1993.

_____. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UNB, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo. Loyola, 1996.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de

Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **Introduction to Functional Grammar** (4th ed.). Oxon: Routledge, 2014.

HALLIDAY, Michael A. K.; HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in English**. Londres: Longman, 1976.

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques**: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Contexto, 2023.

Ivo viu a uva. Disponível em: < [Ivo Viu a Uva – Charges, tirinhas e quadrinhos](#)>. Acesso em: 19/03/24.

KOCH, Ingedore. **Ler e escrever**: Estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2023.

KRESS, G.; van LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual desing**. London: Routledge, 1996.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de Discurso Crítica**: um método de pesquisa qualitativa. Brasília: Editora UNB, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **O léxico**: lista, rede ou cognição social?, in NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. (orgs.). **Sentido e significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, 2024. Disponível em: < [Profletras - Mestrado Profissional \(ufrn.br\)](#)>. Acesso: 03/09/2024

MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirée. **Gêneros Textuais**. EDUSC: São Paulo, 2002.

MOURA, Eduardo; ROJO, Roxane. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2019.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Crítica à análise crítica do discurso**. São Paulo: Parábola, 2023.

PEZZATI, E. G. O funcionalismo em linguística. In MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (org.) **Introdução à linguística**, v. 3. São Paulo: Cortez, 2011, p. 165-128.

PUZZO, Miriam Bauab. **A linguagem verbo-visual das capas de revista e os implícitos na constituição de sentido**. Revista Intercâmbio, volume XX: 125-138, São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2009.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

Revista Istoé. Disponível em: <[Capa ISTOÉ Edição Sexta, 29 de Abril de 2022 \(vercapas.com.br\)](http://vercapas.com.br)>. Acesso em: 10/03/2024.

_____. Disponível em: <[Lula condenado " O cara acabou" - ISTOÉ Independente \(istoe.com.br\)](http://istoe.com.br)>. Acesso em: 20/03/2024.

_____. Disponível em: <https://www.facebook.com/joicehasselmann/photos/a.295750387163824/1533777203361130/?type=3> Acesso em: 10/03/2023.

_____. Disponível em: <[Dilma terá direito de resposta na revista IstoÉ por publicações ...- Migalhas](#)>. Acesso em: 20/03/2024.

Revista Le Monde Diplomatique Brasil, São Paulo, edição nº 184, 11, 2022. Disponível em: [Edição Novembro 2022 - Le Monde Diplomatique](#) Acesso em: 02/03/2023.

_____. Disponível em: < [Edição Dezembro 2021 - Le Monde Diplomatique](#)>. Acesso em: 02/05/2024.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

Revista Recreio. Disponível em: < [Revista Recreio - 26/01/2024 eBook : Grupo Perfil: Amazon.com.br: Loja Kindle](#)>. Acesso em: 05/05/2024.

Revista Super Interessante. Disponível em: < [Edição 393 | Super \(abril.com.br\)](#)>. Acesso em: 10/05/2024.

Revista Veja. Disponível em: <[O FATOR LULA | VEJA \(abril.com.br\)](#)>. Acesso em: 25/03/2024.

ROJO, Roxane. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal: aplicações na hipermídia**. – 3. Ed. – São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.

SILVESTRE, Carminda; VIEIRA, Josenia. **Introdução à Multimodalidade: contribuições da Gramática Sistêmico-Funcional, Análise de Discurso Crítica, Semiótica Social**. Brasília: J. Antunes Vieira, 2015.

SOARES, Magda. **Alfabetar**. São Paulo: Contexto, 2022.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola, 2014.

Toda Matéria. Disponível em: < [Quais são as cores, seus tipos, características e significados - Toda Matéria \(todamateria.com.br\)](#)>. Acesso em: 15/04/2024.

VEJA, São Paulo, edição nº 2280, 2024. Disponível em: [O EXAGERO DA PATRULHA | VEJA \(abril.com.br\)](#) Acesso em: 13/03/2024.

_____ edição nº 2824, 2023. Disponível em: [Revista Veja \[ed.2824\] - 18/01/2023 eBook : Veja, Grupo Abril: Amazon.com.br: Livros](#) Acesso em: 10/03/2023.

_____. Disponível em: < [O golpe das notícias falsas | VEJA \(abril.com.br\)](#)>. Acesso em 10/03/24.

_____, edição nº 2842, 2023. Disponível em: < [Revista Veja \[ed.2842\] - 24/05/2023 eBook : Veja, Grupo Abril: Amazon.com.br: Livros](#)>. Acesso em: 14/03/2024.

Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de Discurso (para a) Crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas: Pontes, 2011.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 4, n. esp., p. 233-243, 2004 [2001].

Youtube. Disponível em: <[Cebolinha em "o boné que lê pensamentos" - Turma da Mônica - Quadrinhos Narrados \(youtube.com\)](#)> Acesso em: 19/03/2024